

Plano de Manejo da RPPN

Reserva Natural Brejo



Saloá- PE

2012

PLANO DE MANEJO

CRÉDITOS TÉCNICOS

Coordenadoria Técnica: Antonio Paulo da Silva Júnior, MSc

Coordenadoria de Gestão: Cleide Iara de Andrade da Silva

Equipe de Elaboração do Plano de Manejo

Antonio Paulo da Silva Júnior, MSc: Biólogo – Mestre em Biologia Animal

Levantamento de dados; Planejamento; Sistematização.

Cleide Iara de Andrade da Silva: Pedagoga

Levantamento de dados; Planejamento.

Cassia Maria Rodrigues: Bióloga

Sistematização.

Marcelo Luna de Oliveira: Biólogo

Sistematização.

Rodolfo Burgos de Luna: Biólogo

Sistematização.

Setembro 2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecemos à Aliança Para a Conservação da Mata Atlântica, com a parceria da “The Nature Conservancy (TNC)” que possibilitou a construção desse plano, acreditado no nosso trabalho e cedendo o financiamento.

Somos gratos a todos os membros da equipe, que com a sua devida parcela de esforço e grande preocupação com as questões ambientais, auxiliaram em todas as etapas. Agradecemos àquelas pessoas que apoiaram e reconheceram a importância do trabalho, estando dispostos a ajudar.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho foi parte de um projeto de apoio às RPPNs, com iniciativa da Aliança Para a Conservação da Mata Atlântica. Entendemos que a iniciativa parte do princípio de que grande parte dos fragmentos florestais de Mata Atlântica se encontra em propriedades particulares se faz necessário o incentivo a esses proprietários para que conservem adequadamente esse patrimônio da humanidade. Muitas vezes, apenas a implementação da reserva, não é suficiente para garantir a efetiva proteção. A criação de um plano de manejo é a segunda etapa para que se possa fazer alcançar os objetivos de proteção e uso correto de um ambiente natural. Aliado a isso se percebe que com uma gestão baseada em estudos prévios e adequação às legislações, haverá um melhor norteamento de tomadas de decisões, bem como posteriores iniciativas para a mobilização da conservação ambiental. Portanto, esperamos que o presente documento seja o ponto de partida para maiores iniciativas em nível regional.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	1
II. PARTE A – INFORMAÇÕES GERAIS	3
1. ACESSO	3
2. HISTÓRICO DE CRIAÇÃO E ASPECTOS LEGAIS DA RPPN	3
3. FICHA-RESUMO DA RPPN	4
III. PARTE B – DIAGNÓSTICO	6
4. CARACTERIZAÇÃO DA RPPN	6
4.1. Clima	6
4.2. Relevo	6
4.3. Hidrografia	7
4.4. Vegetação	8
4.5. Fauna	16
4.5.1. Anfíbios e Répteis	16
4.5.2. Aves	18
4.5.2.1. Espécies Ameaçadas	19
4.5.3. Mamíferos	21
4.5.3.1. Mamíferos de Médio Porte	21
4.5.3.2. Morcegos	22
4.6. Visitação	25
4.6.1. Público e frequência	26
4.6.2. Sítios para Atividades de Campos: Trilhas	26
4.6.2.1. Trilha da Árvore Centenária “Munguba” (720 m) e Trilha da Nascente (921 m) (Figura 29A)	26
4.6.2.1.1. Recomendações	26
4.6.2.1.2. Público Alvo	26
4.6.2.1.3. Aspectos Cênicos	27
4.6.2.2. Trilha dos Cristais – 453 metros (Figura 29B)	27
4.6.2.2.1. Recomendações	27
4.6.2.2.2. Público Alvo	27
4.6.2.2.3. Aspectos Cênicos	27
4.6.2.3. Trilha da Mata – 1 322 metros (Figura 29A)	28
4.6.2.3.1. Recomendações	28
4.6.2.3.2. Público Alvo	28
4.6.2.3.3. Aspectos Cênicos	29
4.6.2.4. Outras Trilhas	30
4.7. Educação Ambiental	30
4.7.1. Projeto Socioambiental Crianças da Floresta	31
4.7.1.1. Metodologia (capacidade de suporte)	32
4.7.1.2. Análise ambiental da capacidade de carga antrópica nas trilhas da RPPN Reserva Natural Brejo.	32
4.7.1.3. Resultados	34
4.8. Pesquisa e Monitoramento	34
4.9. Ocorrência de Fogo	35
4.10. Atividades Desenvolvidas na RPPN	35
4.11. Sistema de Gestão	35
4.12. Infra-estrutura	36

5. CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE	36
5.1. Recursos Financeiros	38
6. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DO ENTORNO	38
7. POSSIBILIDADES DE CONECTIVIDADE	40
8. DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA	40
8.1. Importância da cobertura vegetal	40
8.2. Bioma ameaçado	41
8.3. Espécies ameaçadas	41
IV. PARTE C – PLANEJAMENTO	41
9. OBJETIVO ESPECÍFICO DO PLANEJAMENTO	41
10. ZONEAMENTO	42
10.1. Zona de proteção	42
10.2. Zona de visitação	42
11. PROGRAMAS DE MANEJO	42
11.1. Programa de administração	42
11.1.1. Resultados Esperados	43
11.1.2. Atividades	43
11.1.3. Normas	43
11.2. Programa de proteção e fiscalização	43
11.2.1. Resultados Esperados	44
11.2.2. Atividades	44
11.2.3. Normas	44
11.3. Programa de pesquisa e monitoramento	45
11.3.1. Resultados Esperados	45
11.3.2. Atividades	45
11.3.3. Normas	45
11.4. Programa de visitação	46
11.4.1. Resultados Esperados	46
11.4.2. Atividades	46
11.4.3. Normas	47
11.5. Programa de Sustentabilidade Econômica	47
11.5.1. Resultados Esperados	47
11.5.2. Atividades	47
12. PROJETOS ESPECÍFICOS	47
13. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	48
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
VI. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	54
ANEXO	57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Acesso à Reserva Natural Brejo através da BR 232, partindo de Recife.	3
Figura 2. Fisionomia de uma área florestada (A) e de uma área úmida (B) na Fazenda Brejo, Saloá, PE. ..	8
Figura 3. Fisionomia de uma área de topo “cerrado” na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	9
Figura 4. Fisionomia de uma área em regeneração na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	9
Figura 5. Famílias mais representativas em número de espécies na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	9
Figura 6. Distribuição de hábitos por espécies vegetais mais representativos encontrados na Fazenda Brejo, Saloá, PE.	10
Figura 7. A: <i>Acnistus arborescens</i> ; B: <i>Buchenavia capitata</i> ; C: <i>Agarista revoluta</i> ; D: <i>Paralychnophora reflexoauriculata</i> , na Fazenda Brejo, Saloá, PE.	12
Figura 8. Espécies integrantes do componente arbustivo. A: <i>Microstachys hispida</i> ; B: <i>Tocoyena formosa</i> , na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	12
Figura 9. Espécies integrantes do componente herbáceo. A: <i>Melocactus bahiensis</i> ; B: <i>Paepalanthus</i> sp., na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	13
Figura 10. Exemplos de trepadeiras. A: <i>Acantaceae</i> indet.; B: <i>Periandra coccínea</i> , na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	14
Figura 11. Gráfico representativo das diversas classes de altura observadas nas parcelas amostradas na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	15
Figura 12. Gráfico representativo das diversas classes de altura observadas nas parcelas amostradas na Fazenda Brejo, Saloá, PE.....	15
Figura 13. A: Serpente peçonhenta conhecida como jararaca (<i>Bothrops leucurus</i>); B: Espalhadeira ou jararacuçu (<i>Xenodon merremii</i>). A coloração de ambas é parecida, contudo esta última apesar do seu comportamento característico de inchar a cabeça e chiar, não é peçonheta.....	17
Figura 14. A: Lagarto (juvenil) papa-vento (<i>Enyalius catentus</i>); B: Sapo-de-chifres (<i>Proceratophrys renalis</i>); C: Lagartinho-anão (adulto) <i>Coleodactylus meridionalis</i>	18
Figura 15. Lagarto <i>Mabuya macrorhyncha</i> em folha de bromélia.	18
Figura 16. <i>Tangara cyanocephala corallina</i> . Foto: Ciro Albano.....	20
Figura 17. <i>Tangara fastuosa</i> . Foto: Ciro Albano.....	20
Figura 18. <i>Picumnus fulvescens</i> . Foto: Ciro Albano.....	20
Figura 19. <i>Hemitriccus mirandae</i> . Foto: Ciro Albano.....	20
Figura 20. <i>Sporagra (=Carduelis) yarrellii</i> . Foto: Ciro Albano.	21
Figura 21. <i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i> . Foto: Ciro Albano.....	21
Figura 22. <i>Myotis ruber</i> . Morcego insetívoro ameaçado de extinção, única captura. Foto: M. Holderbaum.	24
Figura 23. <i>Molossus molossus</i> . Foto: R. Novaes/ Pro-morcegos.	24
Figura 24. <i>Glossophaga soricina</i> . Morcego nectarívoro frequente na área da RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: M. Holderbaum.....	25
Figura 26. <i>Artibeus cinereus</i> . Morcego frugívoro, única captura na RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: C. Nobre.	25

Figura 27. <i>Noctilio leporinus</i>. Morcego piscívoro frequente na RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: M. Holderbaum.	25
Figura 28. <i>Platyrrhinus lineatus</i>. Morcego frugívoro frequente na RPPN Reserva Natural Brejo A: Exemplar capturado B: Colônia de <i>P. lineatus</i> em abrigo diurno, folha de <i>Cocos nucifera</i>. Foto: C. Nobre.	25
Figura 29. Trilhas. A. Trilha da Árvore Centenária e Trilha da Nascente. B. Trilha dos Cristais. C. Trilha da Mata.....	26
Figura 30. Vista Panorâmica do Hotel Fazenda, Fazenda Brejo.....	37
Figura 31. Apartamento do Hotel Fazenda.....	37
Figura 32. Capela do Hotel Fazenda.....	37
Figura 33. Restaurante do Hotel Fazenda.....	37
Figura 34. Haras do Hotel Fazenda.	37
Figura 35. Estufa de flores do Hotel Fazenda.	37
Figura 36. Piscina do Hotel Fazenda.	38
Figura 37. Lagos para visitação do Hotel Fazenda.....	38
Figura 38. Cachoeira no entorno do Hotel Fazenda.....	38
Figura 39. Spa no interior do Hotel Fazenda.	38

LISTA DE SIGLAS

CEPE – Centro de Endemismo Pernambuco

CITES – Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora (Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção)

CLT – Consolidação de Leis do Trabalho

CNRPPN – Confederação Nacional de RPPN

CPMR – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

CPRH – Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

E – East (Leste)

GPS – Global Positioning System (Sistema de Posicionamento Global)

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IUCN – International Union for Conservation of Nature (União Mundial para Conservação da Natureza)

MMA – Ministério do Meio Ambiente

N – North (Norte)

NE – Northeast (Nordeste)

NW – Northwest (Noroeste)

RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural

S – South (Sul)

UA – Unidades de Análise

UC – Unidade de Conservação

UP – Unidades de Planejamento Hídrico

W - West

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Lista de mamíferos registrada para a Reserva Fazenda Brejo – Saloá. Tipo de registro: E=entrevistas, V= visual, Vc= vocalização, P= pegada.	21
Tabela 2. Lista de espécie de morcegos da Reserva Natural Brejo – Saloá.....	22
Tabela 3. Lista de serviços disponíveis no entorno da Reserva Natural Brejo, Saloá.....	39

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – Lista de Famílias e Espécies de vegetais encontrados na Fazenda Brejo, Saloá – PE.

ANEXO 2 – Espécies de anfíbios da RPPN Brejo-Saloá; legendas: R= Tipo de registro; V= Registro visual, C=Registro por canto, EML= Registro por entrevista com moradores local, H-AA= Habitat -Área Aberta, H-MF= Habitat-Mata fechada, Habitat de borda, MH-V= Micro-Hábitat arbóreo, MH-So= Micro-Hábitat de solo, MH-B= Micro-Hábitat de Bromélia, MH-R= Micro-Hábitat de Rochas, MH-Se = Micro-Hábitat de Serrapilheira, MH-Pa= Micro-Hábitat de Poças de água.

ANEXO 3 – Espécies de répteis da RPPN Brejo-Saloá; legendas: R= Tipo de registro; V= Registro visual, C=Registro por canto, EML= Registro por entrevista com moradores local, H-AA= Habitat -Área Aberta, H-MF= Habitat-Mata fechada, Habitat de borda, MH-V= Micro-Hábitat arbóreo, MH-So= Micro-Hábitat de solo, MH-B= Micro-Hábitat de Bromélia, MH-R= Micro-Hábitat de Rochas, MH-Se = Micro-Hábitat de Serrapilheira, MH-Pa= Micro-Hábitat de Poças de água.

ANEXO 4 - Lista de aves da RPPN Reserva Natural Brejo.

ANEXO 5 – Mapa da RPPN Reserva Natural Brejo – Saloá.

I. INTRODUÇÃO

De acordo com Sistema Nacional de Unidades de Conservação as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs) são Unidades de Conservação de titularidade privada, a qual é criada de acordo com a vontade do proprietário e após sua criação torna-se inalienável, garantindo sua proteção em estatuto perpétuo.

As RPPNs, de um modo geral, são muito importantes para a conservação. Mesmo que o tamanho médio delas seja pequeno, elas juntamente com outras áreas de maior expressividade podem contribuir para uma paisagem mais sustentável, que pode facilitar o fluxo gênico de espécies animais e vegetais (TURNER & CORLETT, 1996; METZGER, 2003). Além disso, as RPPNs vêm contribuindo fortemente para a conservação de espécies ameaçadas de extinção (SOS Mata Atlântica). Atualmente existem em torno de 500 RPPNs, áreas protegidas que somadas cobrem mais de 100 mil hectares (SOS Mata Atlântica). As RPPNs têm desempenhado um importante papel para a ciência, inúmeros estudos têm recebido o apoio de particulares e devido a isso se tem gerado conhecimento a ser utilizado em prol da conservação como um todo, como a descoberta de novas espécies para a ciência e conhecimento sobre a distribuição de espécies endêmicas e/ou ameaçadas de extinção (VIEIRA 2004).

No estado de Pernambuco, existem 18 RPPNs, dessas, 7 são estaduais e 11 federais (ICMBio, 2009; CPRH, 2009), dessas, 10 estão presentes no bioma da Mata Atlântica e parte delas possuem importância comprovada na proteção de espécies ameaçadas (VIEIRA, 2004).

A Mata Atlântica tem sido bastante devastada nos últimos séculos, sendo a sua situação considerada a grande tragédia biológica do século (MORI, 1989; DEAN, 1995). Por outro lado, ela é considerada um “*hotspot*” de biodiversidade, devido ao alto nível de endemismo e a grande perda de hábitat que vem sofrendo (MYERS *et al.*, 2000). Inicialmente, a Mata Atlântica se estendia quase que continuamente desde o Estado do Rio Grande do Norte, ao Estado do Rio Grande do Sul, ocupando uma área de 12% do país (BROWN & BROWN, 1992). De acordo com os mesmos autores, apenas 5-10% da floresta original ainda existe, porém em fragmentos isolados espalhados por entre pastagens e campos de agricultura. No nordeste brasileiro a situação da Mata Atlântica é mais crítica ainda, pois restam apenas 2% de sua área original e estão espalhados em fragmentos isolados, pequenos e circundados por uma matriz de cana-de-açúcar (RANTA *et al.*, 1998).

A Mata Atlântica ao norte do Rio São Francisco possui duas unidades biogeográficas o Centro de Endemismo Pernambuco (CEPE), formado pelos estados de Pernambuco,

Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte e por ilhas de floresta úmida estabelecidas na região semi-árida, no domínio do bioma caatinga, conhecidas como Brejos de Altitude (ANDRADE-LIMA, 1982).

A ocorrência dos Brejos de Altitude está associada às áreas de altitude entre 500-1100 metros, onde a umidade é garantida devido às chuvas orográficas, que permitem que essas regiões possuam níveis de precipitação superiores a 1200 mm/ano (ANDRADE-LIMA, 1960, 1961). As condições climáticas das regiões de Brejo de Altitude há muito tempo têm atraído o interesse de pecuaristas e agricultores (LINS, 1989), o que faz com que as áreas naturais desta região estejam constantemente ameaçadas. Aspectos sócio-econômicos e culturais compõem os alicerces deste problema, haja vista que, fatores desfavoráveis ao atendimento mínimo das necessidades materiais de populações do entorno destes ecossistemas, dentro de uma região com a menor renda *per capita* do Brasil, são notórios e desencadeiam o consumo não planejado dos recursos naturais locais (SALES *et. al.*, 1998). As reservas são pequenas e mal manejadas (DIAS *et. al.*, 1990). Atualmente, as regiões de Brejo de altitude contam apenas com 14% de sua área original, que constam também mosaicos de vegetação de Caatinga e Cerrado (TABARELLI & SANTOS, 2004), segundo os mesmos autores, o valor da vegetação remanescente dos Brejos de Altitude, torna este setor o mais ameaçado da Mata Atlântica brasileira.

II. PARTE A – INFORMAÇÕES GERAIS

1. ACESSO

A Reserva Natural Brejo está localizada na cidade Saloá, Agreste Meridional do Estado de Pernambuco, distante aproximadamente 276 km da capital Recife. O único acesso para a UC é o rodoviário. Originado da capital Recife, o acesso se dá pela BR 232, BR duplicada em ótimo estado de conservação (Figura 1). Ao chegar à Cidade São Caetano, 132 km do Recife, a rota segue via BR 423 sentido cidade Garanhuns, referencial turístico de grande porte. A partir desta cidade a rota se mantém via BR 423 até o Km 122, onde está localizada a entrada da cidade Saloá. Em Saloá a UC está situada a 12 km desta, via estrada de barro em perfeitas condições. Durante todo o período do ano não consta interrupções em nenhum ponto de acesso.

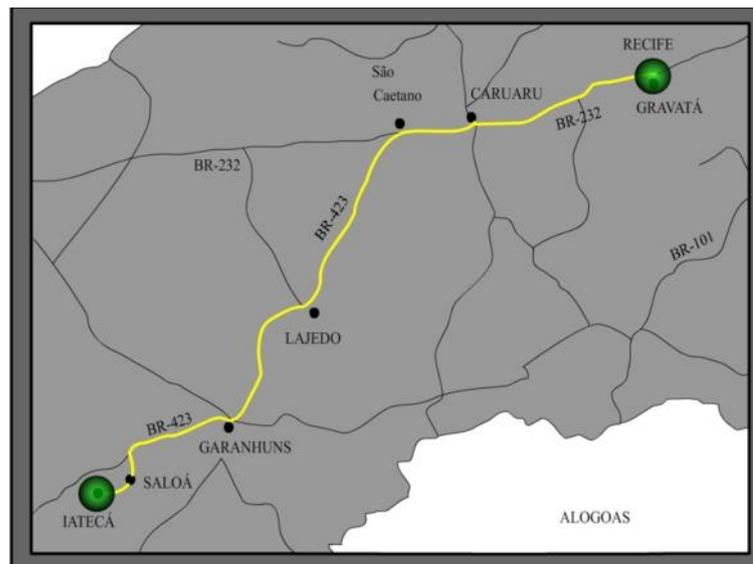


Figura 1. Acesso à Reserva Natural Brejo através da BR 232, partindo de Recife.

2. HISTÓRICO DA CRIAÇÃO E ASPECTOS LEGAIS DA RPPN

Registros históricos citam que a região onde está localizada a UC, nos anos 50, era um engenho de cana-de-açúcar, porém, com a desvalorização do produto a cafeicultura tornou-se a principal fonte de renda da região. No entanto, com o passar dos anos o gado destinado a produção de leite e carne rendia mais lucro que qualquer outra cultura, modificando desta forma, o ambiente, dando lugar a grandes áreas de pastagens e, conseqüentemente áreas destinadas às matas foram devastadas, expulsando animais e degradando os mananciais hídricos existente na região.

Assim, objetivando a pecuária, a propriedade foi adquirida no ano de 1989. Entretanto, com a aquisição da propriedade foi observado o grande potencial ambiental e diversidade da fauna, flora e mananciais hídricos que já estavam em processo de degradação, pois era comum a caça predatória na região e o desrespeito com as nascentes, sendo muitas vezes observados dejetos animais ou produtos químicos advindos de banhos e lavagens de roupa. Desta forma, a partir de 1992, a proprietária iniciou um trabalho de conscientização ambiental no entorno da propriedade, especificamente na vila de Iatecá, distante 3 km da área.

Nesse sentido, os moradores da vila receberam esclarecimentos sobre a importância da preservação das matas, animais e nascentes ainda existentes. No início do processo de recuperação, juntamente com a comunidade, toda área onde se localizavam as nascentes foram isoladas e as matas preservadas. Com o passar do tempo, a resposta ao trabalho iniciado foi visível com o retorno dos animais, aumento da vazão e purificação das águas nas nascentes e regeneração da mata. Estimulado pelo resultado, a partir de 2002 em contato com o IBAMA, foi criada a UC, registrada em 06 de agosto de 2002, denominada “**RPPN Reserva Natural Brejo**”, devido à área está localizada em um brejo de Altitude.

3. FICHA-RESUMO DA RPPN

Nome da RPPN	Reserva Natural Brejo
Nome(s) do(s) proprietário(s)	Cleide Iara de Andrade da Silva
Nome do(s) representante(s)	Cleide Iara de Andrade da Silva
Contato(s)	(87) 39262047; (81) 99760636
Endereço da RPPN	Estrada de Iatecá s/n Saloá- PE
Endereço para correspondência	Rua do Sancho 248, Tejipió, Recife – PE
Telefone/fax/e-mail/página na Internet	81-32510756 / 99760636
Área da RPPN (em ha) e área total da propriedade	Área da RPPN-52.39ha – Área total da propriedade - 307.61 ha
Principal município de acesso à RPPN	Saloá – PE

Município(s) e estado(s) abrangido(s)	Saloá, Iati
Coordenadas	8° 57' S, 36° 42' W
Data e número do ato legal de criação	Portaria n° 90, de 07 de agosto de 2002
Biomassas e/ou ecossistemas	Mata Atlântica / Brejo de altitude
Distâncias dos centros urbanos mais próximos	Recife: 248 km; Garanhuns: 42 km
Meio principal de chegada à UC	Transporte viário
Atividades ocorrentes	Visitação (trilhas e oficinas de educação ambiental).

III. PARTE B – DIAGNÓSTICO

4. CARACTERIZAÇÃO DA RPPN

4.1. Clima

O clima é do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se adiantar até outubro. O clima na RPPN está de acordo com o descrito para a microrregião de Garanhuns, que devido às altitudes elevadas é menos árido do que a região circundante. A temperatura média anual oscila em torno de 20° C, podendo atingir 30° C nos dias mais quentes e 15° C nas noites mais frias. A precipitação nos meses mais secos varia de 0 – 50 mm e nos meses mais chuvosos de 50 – 100 mm.

4.2. Relevo

O município de Saloá está inserido na microrregião de Garanhuns, a qual está sobre unidade geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1000 metros e se estende pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas.

A propriedade onde a RPPN está inserida constitui o ponto mais alto da cidade de Saloá, com altitude que chega a 1000 metros. O relevo é bastante acidentado com muitas encostas íngremes, condições essas que pode ter contribuído para a preservação de resquícios florestais.

O percurso das trilhas permite a contemplação do relevo local, que se mostra formado por colinas de solo argiloso – S (Sul) NE (Nordeste) N (Norte) - com um bloco granítico emergente ao sul, prolongando-se para W (Oeste), formando um paredão que suporta a costa norte da Serra do Prata. O substrato do solo apresenta-se forrado por uma cobertura de cristais de quartzo, de aspecto predominantemente leitoso, com alguns exemplares hialinos. Estas características são a principal referência para a denominação da localidade Serrinha do Prata pois, ao longe, avistando-se a mesma sob intensa iluminação solar, demonstra aparência prateada (PAZ, 1998). Segundo JATOBÁ (1999) a região apresenta terrenos ígneo metamórfico do Pré-Cambriano, com rochas magmáticas e metamórficas em solo Podzólico.

Trata-se de uma imersão da rocha cristalina granítica que, sob a ação das intempéries, erodiu liberando o cristal quartzo que compõe o solo local em pequenas drusas e cascalho.

4.3. Hidrografia

O Agreste de Pernambuco abrange as microrregiões do Vale do Ipanema, do Vale do Ipojuca, do Alto Capibaribe, do Médio Capibaribe, de Garanhuns e do chamado Brejo Pernambucano. Neste espaço estão situadas diversas sub-bacias das bacias hidrográficas do estado de Pernambuco, que formam diferentes Unidades de Planejamento Hídrico - UP, subdivididas em Unidades de Análise – UA (SECTMA, 1998).

O município de Saloá integra a região da bacia do rio Ipanema, cuja porção pernambucana constitui a unidade planejamento hídrico UP7 (SECTMA, 1998).

O rio Ipanema possui nascente no município de Pesqueira, percorre o estado de Pernambuco e Alagoas na direção norte sul, e deságua no rio São Francisco (SRH, 2008). Seus principais afluentes são: pela margem direita, riacho do Mororó, riacho Mulungu, riacho do Pinto, riacho Mandacaru e rio Topera; e, pela margem esquerda, rio dos Bois, riacho da Luíza, rio Cordeiro e rio Dois Riachos. O rio Cordeiro é o principal tributário do rio Ipanema, cuja nascente se localiza no município de Venturosa. Alguns dos municípios da bacia têm seus limites definidos por cursos d'água: Tupanatinga, pelos riachos do Pinto e Mandacaru; Itaíba, pelo riacho Mandacaru e o rio Ipanema; Águas Belas, pelo rio Ipanema, rio Cordeiro, riacho do Defunto e rio Dois Riachos; e Iati, pelo rio Dois Riachos (SECTMA, 1998; SRH, 2008). Os principais cursos d'água no município têm regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico (CPRM, 2005).

De acordo com um diagnóstico feito pelo Serviço Geológico do Brasil (CPRM) no ano de 2005 o município de Saloá possuía 9 poços escavados e 37 poços tubulares.

De acordo com as conclusões do diagnóstico da CPRM (2005), os poços de Saloá representariam substanciais reservas hídricas, que poderiam vir a reforçar o abastecimento no município. Embora o diagnóstico do CPRM (2005) tenha listado apenas três fontes naturais na Fazenda Brejo como as únicas de todo o município, a propriedade possui seis nascentes de água classificadas como mineral, as quais convergem formando um açude e desse que segue dando vazão a um riacho. As nascentes são protegidas pelas áreas de vegetação

remanescentes que compreendem a área da RPPN mais a vegetação nativa adjacente, o que totaliza em torno de 170 ha. A importância da cobertura vegetal para a proteção dos recursos hídricos foi evidenciada através de relatos dos proprietários e alguns moradores do entorno, que perceberam um significativo aumento da vazão após o início da proteção das áreas de vegetação nativa. Houve ocasião em que a cidade sofreu intensamente com a escassez de água e fizeram uso das águas da fazenda em questão (CIAS *Comun. Pess.*).

4.4. Vegetação

A flora angiospérmica da Fazenda Brejo mostrou-se bastante diversificada entre os componentes da vegetação, apresentando mosaicos de fisionomias distintas, resultado da variação topográfica, de substratos e do microclima, bem como histórico de uso da propriedade em estudo. Foram registradas áreas florestadas (Figura 2A), áreas úmidas (Figura 2B), cursos de rios, fontes d'água, afloramentos rochosos, topo “cerrado” (Figura 3), áreas em regeneração (Figura 4) e pastos. Em algumas áreas há predominância de espécies da Floresta Atlântica (Floresta Ombrófila) e de Floresta Semidecídua. Em cotas altitudinais superiores a 900 m foram registradas a ocorrência de espécies típicas de Campo Rupestre, Cerrado, Restinga, Agreste e da Caatinga.



Figura 2. Fisionomia de uma área florestada (A) e de uma área úmida (B) na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

Sendo assim, o levantamento florístico, contemplou 257 espécies, sendo 8 delas ainda indeterminadas, 182 gêneros, distribuídas em 74 famílias (ver ANEXO 1). As famílias mais representativas em números de espécies foram: Fabaceae (32 espécies), Orchidaceae (17 espécies), Rubiaceae (15 espécies), Asteraceae (14 espécies), Bromeliaceae (10 espécies), Euphorbiaceae, Malpighiaceae, Sapindaceae e Solanaceae (9 espécies), Myrtaceae e Boraginaceae (8 espécies), Malvaceae (7 espécies), ver Figura 5.



Figura 3. Fisionomia de uma área de topo “cerrado” na Fazenda Brejo, Saloá, PE.



Figura 4. Fisionomia de uma área em regeneração na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

Deste total, 70 espécies (27%) arbóreas e arvoretas; 45 espécies (17%) de arbustos, arbustos escandentes; 12 espécies (33%) de subarbustos; 22 espécies (8%) de trepadeiras; 85 espécies (36%) de ervas (incluindo epífitas, hemiepífitas, hemiparasita, plântula) (Figura 6).

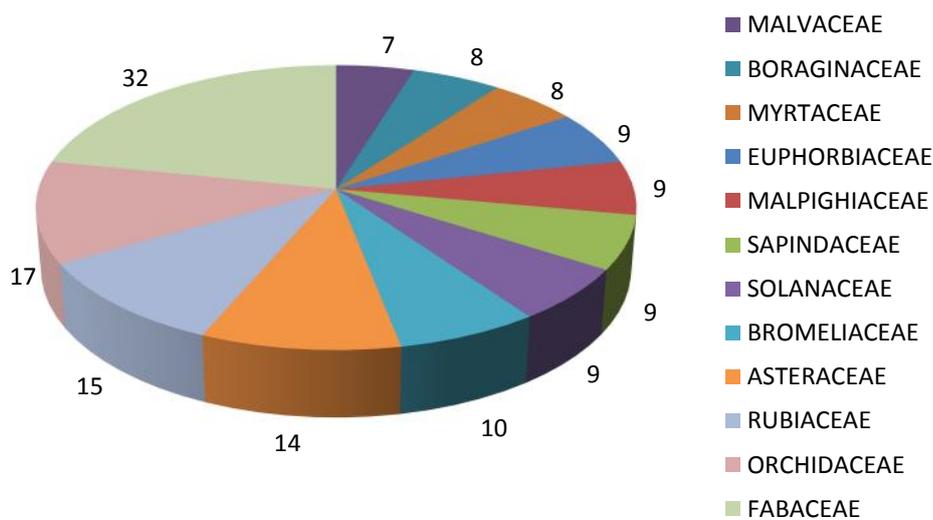


Figura 5. Famílias mais representativas em número de espécies na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

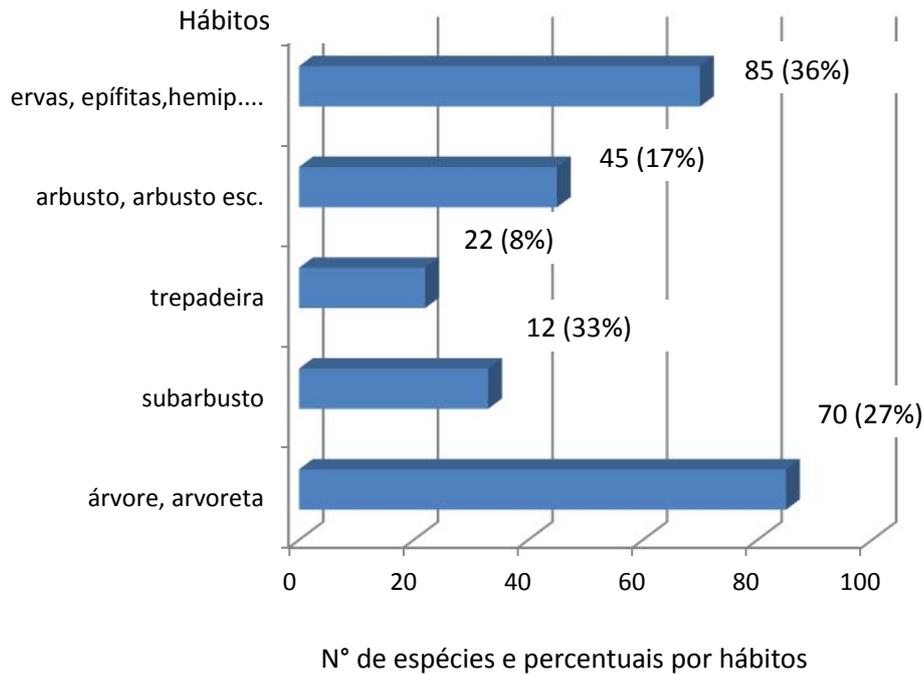


Figura 6. Distribuição de hábitos por espécies vegetais mais representativas encontrados na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

As diferentes paisagens encontradas na área de estudo, refletem os diferentes graus de perturbação aos quais foram submetidos no passado, resultando atualmente numa multiplicidade de micro habitats. O componente arbóreo é o segundo mais bem representado (Figura 7), sendo constituída principalmente por espécies pertencentes à Floresta Atlântica de Terras Baixas, tais como *Acnistus arborescens* (Solanaceae, Figura 7A), *Buchenavia capitata* (mirindiba ou miringuiba, Figura 7B) e Floresta Semidecídua como, por exemplo, *Enterolobium contortisiliquum* (tambor), *Erythroxylum subrotundum* (cafezinho), *Syagrus coronata* (coco-católé).

Em áreas de afloramentos rochosos/campo rupestre, em cotas mais superiores, e, em solo arenoso, comuns aos de Cerrado e Restinga, podemos encontrar *Agarista revoluta* (Ericaceae, Figura 7C), *Paralychnophora reflexoauriculata* (Asteraceae, 7D), e *Tibouchina multiflora* (quaresmeira), habitando preferencialmente estes sítios. Também é possível encontrar espécies de floresta decídua ou de caatinga *Bauhinia cheilantha* (pata-de-vaca, mororó), *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta), *Pilosocereus* cf. *pachycladus* (facheiro), *Piptadenia stipulaceae* (jurema-branca), habitando tanto o topo como diferentes locais, com populações ainda reduzidas (SALES *et al.*, 1998). Como a área sofrera em épocas anteriores corte seletivo, notam-se muitas áreas em regeneração, com capoeiras em estágio sucessional

inicial, corpos florestais com estratos ainda não bem definidos e curso de rio sem os componentes da mata ciliar.

As espécies arbóreas comuns encontradas neste estudo também figuram entre as que se sobressaem nos diversos levantamentos florísticos e fitossociológicos da região e que este padrão se repete tanto para florestas de terras baixas quanto para as florestas serranas ao Norte do São Francisco (TAVARES, 1959; MEDEIROS-COSTA, 1979, 1996; LYRA, 1982; MAYO & FEVEREIRO, 1982; CAVALCANTI, 1985; BORGES, 1992; GUEDES, 1992; LORENZI 1992, 1998; BARBOSA, 1996; CORREIA, 1996; LINS E SILVA, 1996; MOURA, 1997; SIQUEIRA, 1997; FERRAZ *et. al.*, 1998; SALES *et. al.*, 1998; SACRAMENTO, 2000; NASCIMENTO, 2001; FERRAZ, 2002; ANDRADE, 2002; OLIVEIRA *et. al.*, 2004; OLIVEIRA, 2007). Destacam ainda que dentre as espécies registradas neste estudo, algumas delas sejam tidas como típicas de ambientes perturbados, frequentemente de bordas, incluindo as pioneiras, ruderais e oportunistas de clareiras. Na sua grande maioria, estas espécies, são substituídas por outras de mesma categoria, sem tempo para as de clímax aparecerem.

As espécies *Agarista revoluta* (Ericaceae), *Andira fraxinifolia* (angelim), *Byrsonima cf. crispa* (murici), *Chrysophyllum* sp.(Sapotaceae), *Eriotheca crenuticalix* (munguba, barriguda), *Guettarda virbunoides*, *Lafoensia glyptocarpa* (Lythraceae), *Paralychnophora reflexoauriculata* (Asteraceae), *Platypodium elegans* (Fabaceae), *Vockisia oblongifolia* foram consideradas mais raras localmente.





Figura 7. A: *Acnistus arborescens*; B: *Buchenavia capitata*; C: *Agarista revoluta*; D: *Paralychnophora reflexoauriculata*, na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

Dentre o componente arbustivo, podemos citar *Acalypha multicaulis* e *Microstachys hispida* (Figura 8A), *Tocoyena formosa* (figura 8B) e *Eugenia* sp., *Myrciaria* sp., *Psidium guineense*, que são as mais abundantes. As seguintes espécies, como as demais neste estrato, habitam o interior da mata, bordas, áreas descampadas, isoladamente ou em pequenas populações descontínuas, a exemplo podemos destacar *Alternanthera brasiliana*, *Cordia curassavica*, *Cordia polycephala*. Outras habitam lugares úmidos e alagados, como *Piper aduncum*, *Piper arboreum*, *Stromanthe tonckat*, e *Urera baccifera*. Em áreas de topo, solo arenoso, encontramos *Byrsonima correfolia*, típica de Restingas e Cerrados.



Figura 8. Espécies integrantes do componente arbustivo. A: *Microstachys hispida*; B: *Tocoyena formosa*, na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

No estrato subarbustivo encontramos algumas Asteráceas, algumas plantas heliófitas (*Turnera chamaedrifolia*) encontradas nas bordas, caminhos e trilhas, *Asclepias curassavica* e *Pilea hyalina*, encontradas em áreas próximas de curso de rio ou alagados, entre outras.

O componente herbáceo, este de maior representatividade, em regra geral estas ervas são consideradas ruderais ou invasoras, de ciclos de vida geralmente curto e algumas destas apresentam alto valor paisagístico. São encontradas habitando o interior ou as bordas da mata,

trilhas, áreas alagadas, campos abandonados, topos e afloramentos rochosos, como algumas bromélias (*Hohenbergia ramageana*, *Bromelia plumieri*, *Portea leptantha*), a Cactaceae *Melocactus bahiensis* (coroa-de-frade da Caatinga, Figura 9A), e a *Paepalanthus* sp. (Eriocaulaceae, Figura 9B).



Figura 9. Espécies integrantes do componente herbáceo. A: *Melocactus bahiensis*; B: *Paepalanthus* sp., na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

Entre as herbáceas epífitas, comuns habitando árvores do dossel e sub-bosque em micro-climas característicos, destacam-se a Cactaceae *Rhipsalis baccifera*, algumas Bromeliáceas, e algumas espécies de orquídeas (ver ANEXO 1). Também foi registrado Hemiepífitas como o *Philodendron imbe*, e outros, a Hemiparasita *Phoradendron* sp. que é encontrada sob a copa de outras árvores, e, ainda em estado de plântula, a *Dilodendron bipinatum*, pouquíssimo coletada nos acervos de herbários.

As trepadeiras encontradas ocorrem em geral na borda da mata na copa das árvores, em locais de elevada luminosidade e temperaturas, podendo ainda ocorrer também em clareiras naturais, exemplo, Acantaceae indet. (Figura 10A), e *Periandra cociínea* (Figura 10B). As espécies notificadas *Urvillea laevis* e *Cardiospermum corindum* da Família Sapindaceae são geralmente encontradas nos domínio do Agreste e Sertão.

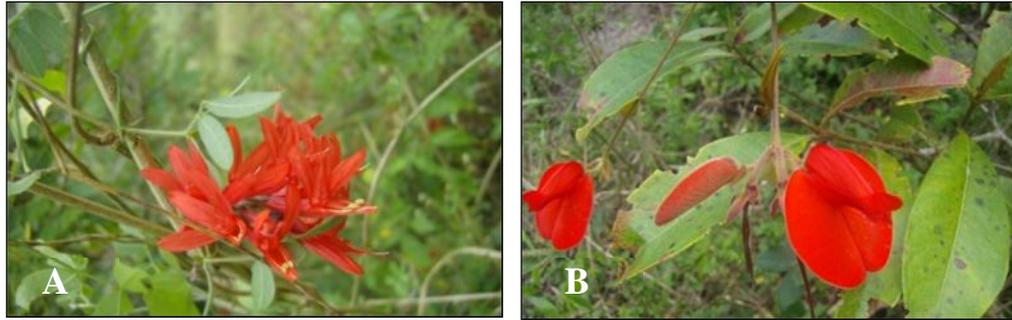


Figura 10. Exemplos de trepadeiras. A: *Acanthaceae* indet.; B: *Periandra coccínea*, na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

Dentre as Pteridófitas encontradas na área de estudo, destaque para *Sapiclaena volubilis*, *Sellaginella* sp., em locais úmidos ou fontes de águas e *Microgramma* cf. *lycopodioides* sob galhos de árvores.

Dos táxons amostrados, não houve registro de espécies de extinção e/ou vulneráveis segundo o IBAMA (2004) e IUCN (2008). Por outro lado, algumas espécies de Cactáceas (*Melocactus bahiensis*, *Pilosocereus* cf. *pachycladus*, *Rhipsalis baccifera*) e as Orchidaceae *Cattleya labiata* e *Epidendrum rigidum*, que são citadas como espécies potencialmente exploradas comercialmente pelo CITES (Convenção sobre o comércio internacional de espécies da flora e fauna), estão presentes na área. Das espécies listadas, apenas a *Hyptis martiusii* (Labiatae) está registrada como espécie endêmica da Caatinga de acordo com GIULIETTI *et. al.* (2002).

No levantamento fitossociológico, foram amostradas 40 espécies, 34 gêneros, distribuídas em 23 famílias, com uma densidade total de 260 indivíduos vivos por hectare, e uma área basal total de 2 953 m²/ha.

A estratificação vertical da comunidade arbórea local concentrou-se na classe de altura 6-10 m (49.2%) (Figura 11), e a altura média dos indivíduos foi de 10.17 m. A categoria mais alta, (16-20 m) abrangeu apenas 8% dos indivíduos.

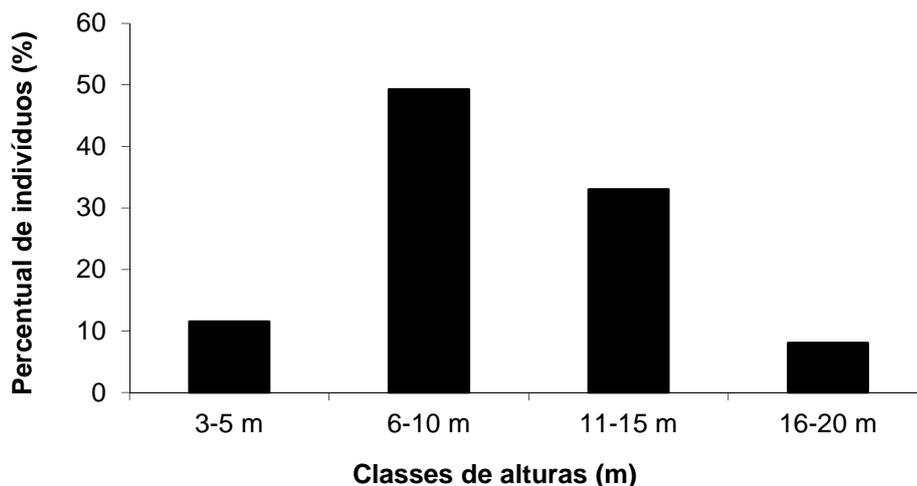


Figura 11. Gráfico representativo das diversas classes de altura observadas nas parcelas amostradas na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

O diâmetro médio registrado para a comunidade arbórea foi de 10.53 cm. A maior concentração de indivíduos ocorreu na classe de 20-29 cm, com aproximadamente 37% dos indivíduos (Figura 12). Os maiores diâmetros pertenceram ao *Artocarpus heterophyllus* Lam. (jaqueira, Moraceae) com 44.84 cm.

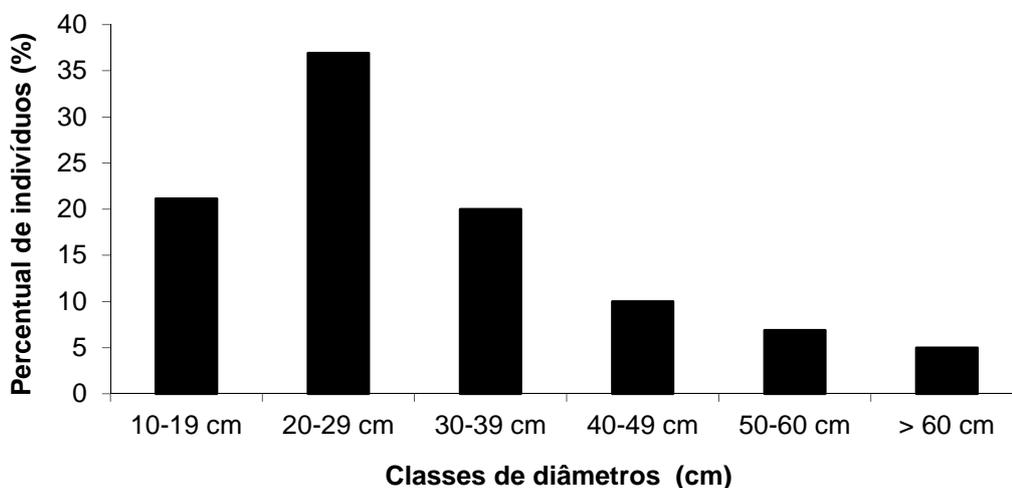


Figura 12. Gráfico representativo das diversas classes de altura observadas nas parcelas amostradas na Fazenda Brejo, Saloá, PE.

No que diz respeito à estratificação da área, os dados médios de altura e diâmetro mostram que a vegetação da Fazenda Brejo possui porte mediano. Pensando numa estrutura de comunidade arbórea, cuja maturidade ou estágio clímax pudesse atingir cotas superiores a 50 cm de diâmetro, a comunidade em estudo registrou apenas 5% de seus indivíduos com

diâmetros nesta condição. Tais informações indicam que a área encontra-se em processo de regeneração ou recomposição inicial. Segundo os proprietários, a área foi vítima de supressão em detrimento da criação de pastos naturais para bovinos, prática muito comum na região.

Através do levantamento florístico preliminar fica evidente uma alta diversidade vegetal, mesmo tratando-se de uma área com reduzida percentagem de cobertura vegetal natural. A vegetação remanescente apresenta diversos trechos em regeneração, na grande maioria, em estágios iniciais da sucessão ecológica, tanto os ambientes florestados quanto as áreas de pastos abandonados.

Manter este ambiente livre das pressões antrópicas e preservar a cobertura vegetal existente é imprescindível para que a dinâmica florestal retome suas características originais, principalmente garantindo os serviços ambientais básicos como proteção das nascentes d'água e, oferta de alimentação e abrigo para a fauna local e/ou temporária.

4.5. Fauna

4.5.1. Anfíbios e Répteis

Um total de 26 espécies de anfíbios anuros (ver ANEXO 2), entre sapos, pererecas e rãzinhas, distribuídas dentro de seis famílias: Brachycephalidae (2 espécies) “rãzinha”, Bufonidae (3 espécies) “sapos, cururu”, Cycloramphidae (2 espécies) “sapo-de-chifres, sapo-boi”, Hylidae (12 espécies) “pererecas, rã-de-bananeira”, Leiuperidae (3 espécies) “rãzinha, rã-cachorro, rã-chorona” e Leptodactylidae (4 espécies) “gia, caçote, rã-manteiga”.

Para répteis foram registradas 22 espécies (ver ANEXO 3), distribuídas em 13 famílias: Lagartos- Iguanidae (1 espécie) “camaleão, iguana”, Polychrotidae (1 espécie) “calango-cego”, Leiosauridae (1 espécie) Papa-vento ou calango-cego”, Tropiduridae (1 espécie) “Lagartixa preta ou lobó”, Phyllodactylidae (1 espécie) “lagartixa ou víbora”, Sphaerodactylidae (1 espécie), Teiidae (3 espécies) “calango-verde, calango-bico-doce, tiú”, Gymnophthalmidae (1 espécie) “lagartinho do rabo-azul e Scincidae (2 espécies) “briba, calango-brilhante”; Serpentes, Boidae (2 espécies) “jibóia, salamanta, cobra-de-viado”, Viperidae (1 espécie) “jararaca”, Colubridae (1 espécie) “caninana” e Dipsadidae (6 espécies) “cobrinha-da-terra, cobra-preta, espalhadeira, falsa-coral, cobra-verde, corredeira”.

A procura aos animais foi realizada nos períodos da manhã, tarde e noite de maneira a amostrar espécies com diferentes hábitos de vida. Todos os corpos d'água naturais e artificiais

do local foram exaustivamente vasculhados buscando em particular anfíbios. Em alguns casos entrevistas com moradores locais também foram consideradas.

A anurofauna do estado de Pernambuco possui 64 espécies registradas. A RPPN Brejo – Saloá detém uma representativa fauna de anfíbios anuros, com 26 espécies registradas.

Muitas espécies que apenas podem ser encontradas durante as primeiras chuvas, não puderam ser amostradas durante o presente estudo, indicando assim que outros anfíbios ainda devem ser incluídos na atual lista.

Em relação aos répteis, algumas considerações são pertinentes: o estudo da ecologia, biodiversidade e dinâmica das comunidades de répteis requer a realização de excursões frequentes, por períodos prolongados, preferivelmente com a utilização de dispositivos de captura, como armadilhas de interceptação e queda e abrigos artificiais. Associado a este fato, a pertinente sequência de dias chuvosos e frios durante a campanha de campo foram determinantes para a baixa riqueza de répteis amostrada (apenas 22 espécies). Estes animais preferem dias quentes e ensolarados, por serem ectotérmicos, necessitando assim de calor para regulação do metabolismo e início das atividades diárias.

Apenas uma espécie peçonhenta foi encontrada a *Bothrops leucurus* “jararaca” (Figura 13).



Figura 13. A: Serpente peçonhenta conhecida como jararaca (*Bothrops leucurus*); B: Espalhadeira ou jararacuçu (*Xenodon merremii*). A coloração de ambas é parecida, contudo esta última apesar do seu comportamento característico de inchar a cabeça e chiar, não é peçonhenta.

A floresta possui um papel primordial para manutenção de algumas espécies de répteis e anfíbios que possuem suas populações dependentes da vegetação, abrigo e umidade. Espécies como os anfíbios: *Ischnocnema gr. ramagii* “sapinho-da-mata”, *Proceratophrys*

renalis “sapo- de-chifres” (Figura 14B) e os lagartos: *Enyalius catenatus* “lagartixa, papa-vento” (Figura 14A) e *Coleodactylus meridionalis* “lagarto-anão” (Figura 14C), além da cobrinha *Taeniophallus* sp. são encontradas na RPPN e são totalmente dependentes dessas matas.



Figura 14. A: Lagarto (juvenil) papa-vento (*Enyalius catentus*); B: Sapo-de-chifres (*Proceratophrys renalis*); C: Lagartinho-anão (adulto) *Coleodactylus meridionalis*.

Na RPPN, pelo menos 6 espécies foram encontradas habitando bromélias (4 anfíbios e 2 répteis) com duas sendo consideradas dependentes direta desse micro-ambiente, o sapinho *Phyllodytes luteolus* e o lagarto *Mabuya macrorhyncha* (Figura 15).

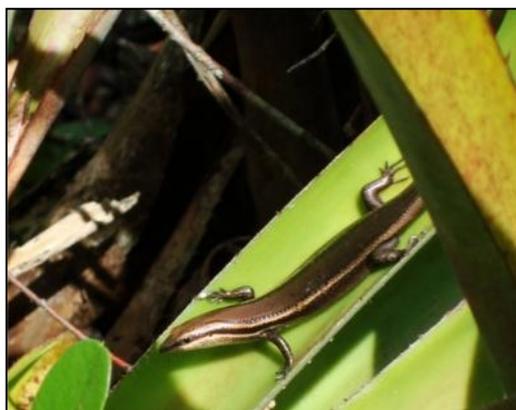


Figura 15. Lagarto *Mabuya macrorhyncha* em folha de bromélia.

4.5.2. Aves

Foram registradas para a RPPN Reserva Natural Brejo 127 espécies pertencentes à 44 famílias, sendo Tyrannidae (20 espécies) a família predominante, seguida de Thraupidae (9 espécies), Emberizidae (8 espécies), Furnaridae (6 espécies), Thamnophilidae (6 espécies), Columbidae (6 espécies), Trochilidae (5 espécies) e Cuculidae (4 espécies) (ANEXO 4).

O resultado do Índice Pontual de Abundância indicou a predominância de aves generalistas sendo algumas sinantrópicas, devido à existência de áreas abertas que privilegiam a ocorrência desse grupo de aves. Entretanto, essas áreas abertas facilitam a visualização das aves em relação às áreas florestadas, subestimando a presença de algumas espécies que permanecem escondidas nas copas e no sub-bosque em silêncio durante a aplicação do método.

Foram identificadas seis espécies ameaçadas: Pintassilgo-do-nordeste (*Sporagra yarrellii*) Pintor (*Tangara cyanocephala coralina*), Pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*), Choca-da-mata (*Thamnophilus caerulescens pernambucensis*), Pica-Pau-Anão-Canela (*Picumnus fulvescens*) e Maria-do-nordeste (*Hemitriccus mirandae*). Destas, as cinco últimas são consideradas dependentes de floresta e, três são vítimas de intensa caça para o tráfico de animais silvestres (*Tangara fastuosa*, *Tangara cyanocephala coralina* e *Sporagra yarrellii*). É possível que haja outras espécies de aves ameaçadas não encontradas nesse levantamento, havendo a necessidade de busca direcionada para essas espécies.

4.5.2.1. Espécies Ameaçadas

Saíra-militar (*Tangara cyanocephala corallina*) – (Figura 16). Status de ameaça: Ameaçada (MMA). Em todos os dias foi possível visualizar essa espécie próximo às árvores centenárias formando bandos com *Tangara fastuosa* e também aos casais.

Pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*) – (Figura 17). Status de ameaça: Ameaçada (MMA). Vulnerável (IUCN). Essa espécie também foi avistada todos os dias, no cajueiro próximo as árvores centenárias, sozinhos, em pares, ou formando bandos com *Tangara cyanocephala*.



Figura 16. *Tangara cyanocephala corallina*. Foto: Ciro Albano.



Figura 17. *Tangara fastuosa*. Foto: Ciro Albano.

Pica-pau-anão-canela (*Picumnus fulvescens*) – Status de ameaça: Quase ameaçada (IUCN). Foi localizado apenas um indivíduo que vocalizava na borda da mata, num arbusto de aproximadamente 3 metros de altura, próximo às árvores centenárias (Figura 18).

Maria-do-nordeste (*Hemitriccus mirandae*) – Status de ameaça: Ameaçada (MMA), Vulnerável (IUCN). Apenas um indivíduo foi visto, também na borda da mata próximo às árvores centenárias. Sua vocalização foi gravada e sua identificação foi confirmada por especialistas (Figura 19).



Figura 18. *Picumnus fulvescens*. Foto: Ciro Albano.



Figura 19. *Hemitriccus mirandae*. Foto: Ciro Albano.

Pintassilgo-do-nordeste (*Sporagra yarrellii*) – Status de ameaça: Ameaçada (MMA), Vulnerável (IUCN). Apenas um indivíduo macho foi visto, por volta de 7h00, forrageando na vegetação rasteira próxima à entrada da RPPN (Figura 20).

Choca-da-mata (*Thamnophilus caerulescens pernambucensis*) – Status de ameaça: Ameaçada (MMA). Diversos casais foram vistos e escutados em vários pontos da RPPN (Figura 21).



Figura 20. *Sporagra (=Carduelis) yarrellii*. Foto: Ciro Albano.



Figura 21. *Thamnophilus caerulescens pernambucensis*. Foto: Ciro Albano.

4.5.3. Mamíferos

4.5.3.1. Mamíferos de Médio Porte

Para a caracterização da mastofauna, utilizou-se a exploração de campo aleatória, visando a busca por visualizações, vocalizações, vestígios e entrevistas com os moradores, da propriedade e do entorno. O grupo dos mamíferos de médio porte apresentou 10 espécies (Tabela 1), as quais provavelmente usam além da área da reserva, áreas do entorno, devido ao pequeno tamanho dos fragmentos.

Tabela 1: Lista de mamíferos registrada para a Reserva Fazenda Brejo – Saloá. Tipo de registro: E=entrevistas, V=visual, Vc = vocalização. P = pegada.

ORDEM / FAMÍLIA / ESPÉCIE	NOME VULGAR	REGISTRO
CARNIVORA		
Canidae		
<i>Cerdocyon thous</i>	Raposa	E
Mephitidae		
<i>Conepatus semistriatus</i>	Cangambá	P-E
Mustelidae		
<i>Eira barbara</i>	Papa-mel	E
Procyonidae		
<i>Procyon cancrivorus</i>	Guaxinim	E
CINGULATA		
Dasypodidae		

<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu verdeiro	E
<i>Euphractus sexcinctus</i>	Tatu peba	P-E
LAGOMORPHA		
<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Coelho	E
MARSUPIALIA		
Didelphidae		
<i>Didelphis albiventris</i>	Timbu	E
PRIMATES		
Cebidae		
<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui	Vc-E
RODENTIA		
Caviidae		
<i>Galea spixii</i>	Preá	V-E

Neste grupo, destaca-se espécies comuns de hábitos generalistas e resistentes à fragmentação, como raposa, sagui e tatus. Guaxinins são comuns de serem avistados, devido a presença dos corpos d'água.

4.5.3.2. Morcegos

A partir de coletas usando redes de neblina (procedimentos de acordo com o proposto pela Animal Care and Use Comitee – 1998 e pela autorização para expedição de campo N°: 87273553), foram capturados 92 indivíduos pertencentes a 4 famílias e 16 espécies. Do total de indivíduos, 85.8% pertenciam a Família Phyllostomidae, 9.8% Noctilionidae, 2.2% Molossidae e 2.2% de Vespertilionidae (Tabela 2)

Tabela 2. Lista de espécies de morcegos da Reserva Natural Brejo - Saloá

FAMÍLIA/ ESPÉCIE
FAMÍLIA PHYLLOSTOMIDAE
Subfamília Glossophaginae
<i>Glossophaga soricina</i>
Subfamília Phyllostominae
<i>Lophostoma silvicolum</i>
<i>Phyllostomus discolor</i>
<i>Trachops cirrhosus</i>
Subfamília Caroliinae
<i>Carollia perspicillata</i>

Rhinophylla pumilio

Subfamília Stenodermatinae

Artibeus cinereus

Artibeus lituratus

Artibeus planirostris

Platyrrhinus lineatus

Sturnira lilium

FAMÍLIA NOCTILIONIDAE

Noctilio leporinus

FAMÍLIA MOLOSSIDAE

Molossus molossus

Nyctinomops laticaudatus

FAMÍLIA VERSPERTILIONIDAE

Subfamília Myotinae

Myotis nigricans

Myotis ruber

Dentre as espécies de morcegos capturadas, tem-se *Rhinophylla pumilio* como o primeiro registro dessa espécie para áreas de brejos de altitude nordestinos e *Myotis ruber* (Figura 22), que é uma das cinco espécies listadas no Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção (MMA, 2008). A captura de um morcego ameaçado de extinção, *Myotis ruber* é um forte indicativo da relevância de área da RPPN para a preservação de morcegos. Tal espécie é de difícil captura e no estado de Pernambuco, foi somente capturada em áreas de brejos de altitude enfatizando mais uma vez, como tais áreas são importantes para a conservação dos quirópteros. *M. ruber* é um animal dependente de ambientes preservados, sendo necessário manter os remanescentes florestais, recuperar tais áreas e proteger os seus habitat.

A captura de indivíduos da Família Molossidae (Figura 23) chama a atenção sobre os impactos antrópicos que estão atuando sobre a RPPN, tendo em vista que alguns autores (REIS *et al.*, 2002; BREDT & UIEDA, 1996) consideram tal família como característica de ambientes urbanos.



Figura 22. *Myotis ruber*. Morcego insetívoro ameaçado de extinção, única captura. Foto: M. Holderbaum.



Figura 23. *Molossus molossus*. Foto: R. Novaes/ Pro-morcegos.

Em relação às guildas alimentares, os maiores valores foram de morcegos frugívoros (67%), seguido de piscívoros (10%), nectarívoros (10%), carnívoros (7%), insetívoros (5%) e onívoros (1%).

Morcegos frugívoros representam mais de 60% das capturas na área da RPPN Reserva Natural Brejo atuando como dispersores eficazes de plantas na área. Morcegos são responsáveis pela dispersão de aproximadamente 25% das plantas em áreas florestais nos neotrópicos, além de serem os principais polinizadores de mais de 500 espécies de plantas. Devido aos seus hábitos alimentares, são extremamente importantes para a manutenção e regeneração de áreas florestais. A maioria das espécies capturadas de frugívoros possui registro de dispersão e polinização das espécies vegetais existentes na área de estudo. A espécie capturada *Glossophaga soricina* (Figura 24), constitui num importante polinizador de espécies de diversas famílias de plantas, como Bombaceas, Myrtaceae, Passifloraceae e Leguminosae (SILVA & PERACCHI 1995; REIS & PERACCHI, 2007).



Figura 24. *Glossophaga soricina*. Morcego nectarívoro frequente na área da RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: M. Holderbaum.



Figura 26. *Lophostoma silvicolum*. Morcego insetívoro não estrito, única captura na RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: C. Nobre.



Figura 25. *Artibeus cinereus*. Morcego frugívoro, única captura na RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: C. Nobre.



Figura 27. *Noctilio leporinus*. Morcego piscívoro frequente na RPPN Reserva Natural Brejo. Foto: M. Holderbaum.



Figura 28. *Platyrrhinus lineatus*. Morcego frugívoro frequente na RPPN Reserva Natural Brejo A: Exemplar capturado B: Colônia de *P. lineatus* em abrigo diurno, folha de *Cocus nucifera*. Foto: C. Nobre.

4.6. Visitação

4.6.1. Público e Frequência

A visitação às trilhas acontece de acordo com a demanda dos hóspedes para o hotel, a frequência de visitação às trilhas fica em torno de 30 visitantes por mês. Durante os meses de férias ocorre um aumento na visitação, ficando em média 50 visitantes por mês, sendo eles em sua maioria estudantes.

4.6.2. Sítios para Atividades de Campo: Trilhas

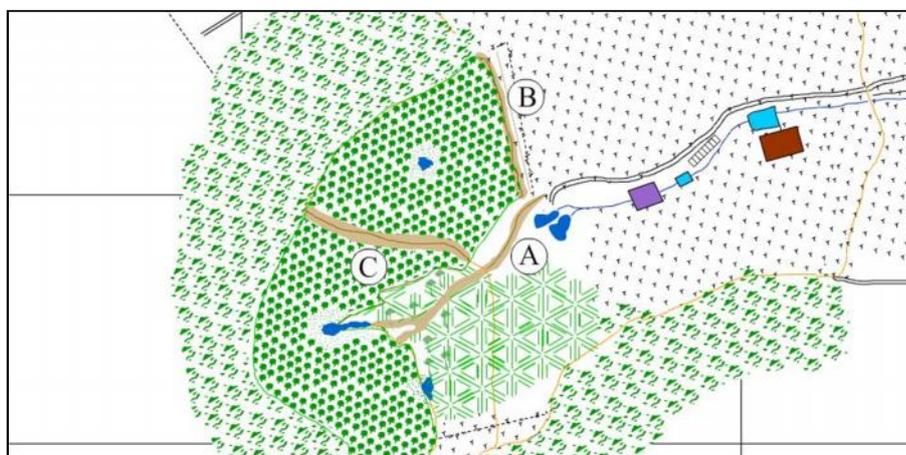


Figura 29. Trilhas. A. Trilha da Árvore Centenária e Trilha da Nascente. B. Trilha dos Cristais. C. Trilha da Mata.

4.6.2.1. Trilha da Árvore Centenária “Munguba” (720 m) e Trilha da Nascente (921 m) (Figura 29A)

A trilha apresenta um terreno com leve inclinação, solo estável (areia), pouco contato direto com elementos biológicos e encontra-se a céu aberto. Tempo estimado de percurso – 1h30min.

4.6.2.1.1. Recomendações

É recomendado o uso de cajado (para suporte individual), calçados fechados, boné, calça comprida de tecido resistente, blusa manga curta, recipiente com água.

4.6.2.1.2. Público Alvo

Público escolar a partir da 5ª série do ensino fundamental, alunos do ensino médio, universitários, pós-graduandos, hóspedes em geral com faixa etária e disponibilidade física que possibilite a não dependência de transporte ou suporte artificial para apoio físico.

4.6.2.1.3. Aspectos Cênicos

O percurso desenvolvido na trilha permite a contemplação do relevo local, onde se forma um paredão que suporta a costa norte da Serra do Prata.

A trilha é realizada pelo vale, lado sul, onde podem ser visualizados ao norte e ao oeste os morros que formam as trilhas do Cruzeiro, dos Cristais e a da Floresta. A trilha está dividida em seis estações para intervenção didática, onde estas foram condicionadas por aspectos ergonômicos e cênicos. No percurso da trilha, na altura da RPPN (sentido N), podem ser avistados os estratos florísticos da mesma, assim como de uma extensa área ao seu redor.

4.6.2.2. Trilha dos Cristais – 453 metros (Figura 29B)

A trilha apresenta um terreno com inclinação moderada, solo semi instável (cascalho), contato moderado com elementos biológicos, ou seja, há contato físico com plantas gramíneas, herbáceas e arbustivas, com a possibilidade da presença de animais invertebrados rasteiros e encontra-se a céu aberto. Tempo estimado do percurso – 1h30min.

4.6.2.2.1. Recomendações

É recomendado o uso de cajado (para suporte individual), calçados fechados, boné, calça comprida de tecido resistente, blusa manga curta, recipiente com água.

4.6.2.2.2. Público Alvo

Público escolar a partir da 5ª série do ensino fundamental, alunos do ensino médio, universitários, pós-graduandos, hóspedes em geral com faixa etária e disponibilidade física que possibilite a não dependência de transporte ou suporte artificial para apoio físico.

4.6.2.2.3. Aspectos Cênicos

O percurso se dá por uma trilha a céu aberto, margeando o lado Leste da RPPN Reserva Natural Brejo, sentido Norte.

A trilha está distribuída em sete estações para intervenções didático-pedagógicas. Na quinta estação, à aborda de uma vertente no sentido W-E, podemos contemplar a paisagem dos vales que compõem a circunvizinhança da localidade avistando as serras, morros, colinas, vales e planícies dos municípios de Garanhuns, Paranatama, Brejão Pedra, que compõem boa parte do Planalto da Borborema.

4.6.2.3. Trilha da Mata – 1 322 metros (Figura 29C)

As atividades desenvolvidas na trilha da Floresta estão centradas na condução dos visitantes à reflexão interativa, sobre os processos dinâmicos que mantêm o equilíbrio do ecossistema. Durante a caminhada são apresentadas questões que representam o papel da floresta tropical na biosfera, o papel da mata Atlântica em sua variação Brejo de Altitude para o bioma Caatinga, suas interações sócio ambientais, com ênfase no aspecto atmosférico, o que traduz a ativa participação no regime pluviométrico local. São relacionadas questões comparativas entre o ambiente urbano, suas demandas ambientais e o ambiente florestal, conduzindo a uma reflexão sobre o nosso papel no planeta.

As trilhas são iniciadas mediante prévia palestra sobre os temas a serem abordados nas mesmas assim como, tópicos a respeito de uma conduta de segurança pessoal e coletiva. A equipe técnica então é distribuída de modo que, um profissional acompanha o grupo ao fim da fila, outro ao centro e um terceiro situa-se no início. Este conduz uma mochila contendo materiais para primeiros socorros, sinalização, abrigo emergencial.

Terreno com inclinação leve, moderada e acentuada, solo estável/semi-estável (60%), a céu aberto/sob a vegetação (30%), contato direto com elementos botânicos como gramíneas, herbáceas, arbustos, lianas, bromeliáceas terrícolas, xerófitas. Tempo estimado do percurso – 2:15h

4.6.2.3.1. Recomendações

É recomendado o uso de cajado (para suporte individual), Calçados fechados de cano médio ou longo, boné ou chapéu de aba larga, calça comprida de tecido resistente, blusa/camisa (manga curta/longa), recipiente com água, luvas, lanche (barra de cereais; banana; chocolate; rapadura), lenço, repelente de insetos.

4.6.2.3.2. Público Alvo

Público escolar a partir da 6ª série do ensino fundamental, alunos do ensino médio, universitários, pós-graduandos, hóspedes em geral com faixa etária e disponibilidade física que possibilite a não dependência de transporte ou suporte artificial para apoio físico.

4.6.2.3.3. Aspectos Cênicos

A trilha da Mata apresenta extensa perspectiva cênica. A começar pela visualização de todo o dossel da floresta da RPPN, que pode ser visualizado na aproximação sentido S-NW-N para a incursão na mesma. São contemplados os estratos florísticos que vão desde gramíneas a árvores emergentes. O início da trilha é marcado por uma abertura na vegetação, que já apresenta características do ambiente ombrófilo e sub-bosque da mata. A serrapilheira local possui profundidades que varia de acordo com a proximidade da trilha, onde verificamos com auxílio de gabarito de um metro em madeira, os valores de 0.15 m, 0.20 m, 0.30 m e até 0.40 m a uma distância de 20 m da entrada da trilha, pelas laterais. O sub-bosque possui uma expressiva variedade de epífitas como bromeliáceas e orquídeas, além de lianas, líquenes e muitos indivíduos arbóreos jovens. A caminhada transcorre pela umbra florestal, em um terreno com inclinação, sentido ascendente, por cerca de 120 m. O caminho é marcado por clareiras, ou galerias, no sub-bosque, que servem como suporte para paradas objetivando intervenções didáticas e pausas para repouso.

O segundo trecho compreende um trajeto de aproximadamente 90 m onde a vegetação predominante apresenta porte arbustivo, com bromeliáceas arborícolas e sobretudo terrícolas e expressivos líquenes. Ao final do primeiro trecho, sentido S-N, chega-se ao patamar final do mesmo, onde o caminho dobra à esquerda, sentido E-W. Podem ser visualizados os vales que compõem a paisagem NW-N-NE, nos municípios de Pedra, Buíque, Paranatama e Tupanatinga. Observa-se também ao longe, um conjunto de serras que revela a fisionomia final do agreste, transitando para o sertão do estado. Ao aferirmos a altitude com o uso de GPS Garmin PLUS III Tracker, obteve-se a medida de 1043 m de altitude.

Dando sequência à trilha, o percurso agora se desdobra ainda em ascendência, cumprindo o segundo trecho a céu aberto onde, a vegetação predominante da RPPN se configura em portes gramíneo, herbáceo e arbustivo. Devido a altitude, a vegetação possui fisionomia e aspectos morfológicos de caatinga com, escleromorfismo oligotrófico situando a localidade em uma zona de transição ou ecótono. O solo deste intervalo da Trilha da Mata, está forrado por uma camada de grãos de quartzo, referência ao nome da Serra do Prata, com

granulometria em torno dos 3 a 4 mm. O trajeto se desenvolve por cerca de 430 m que termina com uma curva à esquerda sentido N-S. Após um caminho de 63 m chega-se ao ponto mais elevado da propriedade com 1075 m de altitude pelo GPS. Na sequência, podem ser visualizados os vales das instalações do Hotel Fazenda Brejo, o dossel da RPPN no sentido W-E para iniciar a descida, em terreno arenoso e íngreme.

Toda a trilha foi dividida em 11 estações que possibilitam as interações didático-pedagógicas. Contudo, a dinâmica do ambiente, nos revela oportunidades atemporais com a visualização de elementos não esperados, fatos que constituem um atrativo a mais nesta trilha guiada.

4.6.2.4. Outras Trilhas

Trilha da Bica da Grutinha – 921 m e Trilha da Torre – 1009 m (desativada).

4.7. Educação Ambiental

Considerando a atual infraestrutura operante da propriedade denominada “Fazenda Brejo”, seu acervo ambiental nos aspectos cênicos e de biodiversidade, especialmente na RPPN, e seu potencial turístico, estruturamos um plano de trabalho que se configura dentro de uma perspectiva pedagógica preservacionista, onde se trabalhem de modo sistemático e sistêmico, os preceitos da Educação Ambiental.

As atividades a serem desenvolvidas estão centradas em:

- Práticas didático-pedagógicas em educação ambiental no contexto inter e multidisciplinar.

Para as ações didático-pedagógicas, as práticas são fundamentadas no princípio da interação construtivista do conhecimento formal sistemático, havendo que se busca condicioná-lo ao conhecimento informal que, por ser sistêmico, preconiza uma maior e efetiva participação nos processos da elaboração de modelos adequados à realidade local. Será adotado um perfil multidisciplinar na equipe técnica para a consecução das atividades. A interdisciplinaridade será efetivada na perspectiva permanente da abordagem sistêmica, em que se oportunize a contextualização do universo local, viabilizando a emersão dos valores

nativos, através de inserções acadêmicas que conectem tais elementos aos processos regionais e globais.

Dentre as ações de caráter dinâmico sócio ambiental, destaca-se o projeto “Crianças da Floresta”.

4.7.1. Projeto Socioambiental Crianças da Floresta

A continuidade deste trabalho pressupõe a preparação de agentes ambientais, formados nas comunidades do entorno, possibilitando assim a progressão da educação ambiental na localidade, dentro da perspectiva da participação pública nos processos socioambientais. O projeto abrange atividades que visam desenvolver a consciência, conhecimento e apreciação pelo meio ambiente, através da sua função social, cultural e histórica. Objetiva fomentar a integração das crianças do entorno da Reserva Natural Brejo, criando o espírito da preservação, criar grupos culturais e ambientais para apresentações aos turistas, consolidar o entorno na geração de futuros empregos, contribuindo assim para o combate ao êxodo rural.

O projeto conta com a colaboração a título de voluntariado, de cidadãos do município além de profissionais liberais e pessoas de outras localidades do estado de Pernambuco. A equipe de técnicos da Fazenda Brejo fornece o suporte pedagógico acadêmico, observando uma metodologia multidisciplinar e interdisciplinar, com atividades práticas nos ambientes da propriedade, como também nas localidades circunvizinhas. As atividades são desenvolvidas em uma sede locada pela Fazenda Brejo, através de recursos próprios no distrito de Iatecá.

Para um melhor rendimento e otimização pedagógica das crianças envolvidas, critérios como a matrícula regular, com frequência, conduta e bom aproveitamento em escolas da rede de ensino municipal e estadual, constitui o primeiro passo para a participação no projeto. A segundo momento, a criança deve ter afinidade com as artes e se disponibilizar, mediante autorização por escrito dos pais ou responsáveis, para assistirem aulas de educação ambiental, ministradas por voluntários, além de ensaios para apresentações culturais em locais públicos e no Hotel Fazenda Brejo, musicais com temas nordestinos. A ampliação das atividades do projeto prevê o envolvimento das crianças da comunidade participantes, em atividades de cultivo e plantio de mudas de plantas nativas locais, visando a recuperação da cobertura vegetal local nativa. Ainda está em consideração a oferta de aulas-reforço para alunos abaixo da média escolar, oficinas de artesanato nordestino e canto.

Foram cadastradas no município de Saloá, cerca de 300 crianças, na faixa etária de 5 até 12 anos, para fins de conhecimento do universo a ser considerado. Inicialmente uma primeira turma com 60 crianças já foi trabalhada e, ao alcançarem a adolescência serão substituídos por outro grupo de crianças. Assim, outra turma com outras 60 crianças e subsequencialmente outra, até alcançar o universo do município. Outra ação, ainda em estruturação, envolve outro projeto que envolva os adolescentes, possibilitando até uma qualificação semi-profissional em turismo, artesanato e serviços.

Todas as ações envolvidas no projeto são auto financiadas através de doações de parceiros e hóspedes em geral. A ausência de uma renda regular em um patamar financeiro estável constitui um obstáculo à efetivação das atividades previstas em sua plenitude.

4.7.1.1. Metodologia (capacidade de suporte)

A metodologia utilizada para referenciar a determinação de carga antrópica na Reserva Particular do Patrimônio Natural Brejo, conforme Decreto Federal Nº 1922, de 5 de junho de 1996, RPPN “Reserva Natural Brejo” (Portaria IBAMA nº 90, 06 de agosto de 2002) foi estabelecida por CIFUENTES (1992).

Na consecução dos trabalhos de estruturação e implantação do Plano de manejo, relatamos a seguir os procedimentos pertinentes ao processo aqui materializado.

Ao analisarmos as referências de pesquisa citadas ao final deste trabalho, concluímos pelo uso da metodologia de CIFUENTES (1992) por se tratar de um processo mais abrangente. A seguir temos um descritivo sobre as trilhas da Reserva Natural Brejo.

4.7.1.2. Análise ambiental da capacidade de carga antrópica nas trilhas da RPPN Reserva Natural Brejo.

Conforme CIFUENTES (1992) a determinação da capacidade antrópica em trilhas, considera variados fatores ambientais e humanos para que se tenha a percepção dinâmica destes mesmos fatores.

O cálculo de capacidade de carga se realizou baseado na metodologia de CIFUENTES (1992). Tal método busca o número máximo de visitas que uma área protegida pode receber

levando-se em consideração as condições físicas, biológicas e de manejo. São calculadas as capacidades de carga física, real e efetiva, finalizando com os visitantes diários e anuais.

Para a apresentação da metodologia neste trabalho, serão demonstrados os cálculos da capacidade de carga da trilha dos Cristais (ida), sendo o mesmo método repetido nas demais trilhas.

Para o estudo, foram considerados os critérios de fluxo de visitantes, onde cada pessoa utilizaria um espaço mínimo na trilha de 1 m para mover-se. Nas trilhas da RPPN Reserva natural Brejo, a distância entre os participantes fica em 1 metro linear, já que a largura das trilhas possui distância inferior a dois metros. Considerou-se o horário de visitas praticado atualmente na RPPN, de 9 às 16h (7 h/dia).

A capacidade de carga física (CCF) é o limite máximo de visitas que se pode realizar em um determinado local durante um dia. Este número é dado pela relação entre os fatores de visita, onde deve ser considerado o horário de visitas disponível e o tempo de deslocamento necessário para cada atrativo. Também deverão ser utilizados no cálculo o comprimento da trilha e a necessidade de espaço de cada visitante, de acordo com a equação:

$$CCF = \frac{S}{SP} Nv$$

Onde:

S = Superfície disponível em metros lineares

SP = Superfície utilizada por cada pessoa

Nv = Número de vezes que o local poderá ser utilizado pela mesma pessoa no mesmo dia.

Desta forma, Nv equivale à:

$$Nv = \frac{Tv}{Hv}$$

sendo,

Hv = Horário de visita do local

Tv = Tempo necessário para cada visita

4.7.1.3. Resultados

- **Relação tempo espaço das trilhas**

Características	Trilha dos Cristais	Trilha da Árvore Centenária	Trilha da Grutinha	Trilha da Mata
Distância em metros	453 m	720 m	921 m	1322 m
Tempo de deslocamento*	1h30min	1h10min	1h40min	2h15min

* O tempo de percurso inclui as paradas nas estações para intervenções didático-pedagógicas

- **Demonstrativo da Capacidade Suporte nas Trilhas da RPPN Reserva Natural Brejo - Cifuentes (1992)**

TRILHA	VISITAS/DIA	GRUPOS/DIA	VISITAS/ANO
Cristais	28	2 grupos com 14 pessoas por cada turno	10.220
Floresta – RPPN	26	2 grupos com 13 pessoas por cada turno	9.490
Árvore centenária	25	2 grupos com 12 pessoas por cada turno	9.125
Fonte	30	2 grupos com 15 pessoas por cada turno	10.950

- **Visitação às trilhas da propriedade Fazenda Brejo**

TRILHA	VISITAS POR SEMANA	VISITAS POR MÊS
Cristais	196	840
Floresta – RPPN	104	416
Árvore centenária	175	700
Fonte	210	840

Total de visitas por ano = 2796.

Média de visitas por mês = 223.

4.8. Pesquisa e Monitoramento

Até o momento algumas aulas práticas foram realizadas por docentes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG) visando estudos de anfíbios, répteis e morcegos. Inúmeras visitas técnicas foram realizadas com o intuito de coletar dados em curto período de tempo, como líquens, insetos e aves. Dados referentes a essas coletas não se encontram ainda disponíveis. Os diagnósticos do meio biótico procuraram sanar essa deficiência de conhecimento científico na RPPN. Futuras pesquisas serão regulamentadas para que mesmo na ausência de publicação, relatórios indiquem as informações obtidas por meio de trabalho de campo.

4.9. Ocorrência de Fogo

Não existem registros de ocorrência de fogo nas matas da região. O clima úmido e a ausência de atividades de queimadas nas vizinhanças contribuem para a baixa probabilidade de ocorrência.

4.10. Atividades Desenvolvidas na RPPN

Na RPPN, a única atividade que é desenvolvida é a visitação que ocorre em uma única trilha, outras trilhas estão traçadas nas adjacências, como descrito anteriormente.

4.11. Sistema de Gestão

A Reserva Natural Brejo ainda não possui um volume de atividades que justifique a utilização de um sistema mais formal de gestão por parte dos seus proprietários, no entanto existe um formato enxuto que busca trabalhar em quatro frentes prioritárias: proteção, relação com a comunidade, pesquisa e desenvolvimento de novos projetos. Essas quatro áreas são geridas por comitês de gestão.

A área de proteção cuida basicamente da garantia que a reserva não esta sofrendo ataques, tais como: caçadores, retirada de madeira, pesquisas não autorizadas, nem outros riscos como invasão por animais como gado de vizinhos, focos de incêndio, trilhas por pessoas não autorizadas nem guiadas entre outros. Esse trabalho é gerido pelos proprietários da reserva e desenvolvido pelos funcionários da fazenda.

A área de relacionamento com a comunidade busca orientar a comunidade local em relação à preservação ao meio ambiente e a importância da Reserva e tem focado nas crianças

e adolescentes com trabalhos, aulas e visitas, realizando atividades lúdicas e incentivando uma relação sustentável com as matas.

A área de pesquisa cuida da filtragem, autorização e acompanhamento das pesquisas realizadas na Reserva. Basicamente visitas e pesquisas superficiais realizadas pelas universidades Federal e Estadual de Pernambuco. Essa área é liderada pela própria proprietária.

4.12. Infra-estrutura

A área onde está delimitada a RPPN não possui nenhuma edificação.

5. CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

A propriedade dispõe das seguintes estruturas:

- Hotel Fazenda (Figura 30);
- Apartamentos: 20 (Figura 31);
- Alojamento: 02 para 30 pessoas cada (Masculino e Feminino);
- Capela com capacidade para 70 pessoas (Figura 32);
- Restaurante com capacidade para 70 pessoas (Figura 33);
- Haras com equinos da raça “Quarto-de-Milha” para fins de reprodução, treinamento, para vaquejadas e comercialização, cavalos mestiços para passeio com hóspedes (Figura 34);
- Salão de Jogos;
- Fábrica de queijos;
- Estufas de flores (Figura 35);
- Horta orgânica;
- Piscina (Figura 36);
- Tanques para criação de peixes;
- Trilhas de visitação no entorno da RPPN;
- Lagos (Figura 37);
- Cachoeira (Figura 38);
- Área de lazer;
- Spa – Bem Estar (Figura 39).



Figura 30. Vista Panorâmica do Hotel Fazenda, Fazenda Brejo.



Figura 31. Apartamento do Hotel Fazenda.



Figura 32. Capela do Hotel Fazenda.



Figura 33. Restaurante do Hotel Fazenda.



Figura 34. Haras do Hotel Fazenda.



Figura 35. Estufa de flores do Hotel Fazenda.



Figura 36. Piscina do Hotel Fazenda.



Figura 37. Lagos para visitação do Hotel Fazenda.



Figura 38. Cachoeira no entorno do Hotel Fazenda.



Figura 39. Spa no interior do Hotel Fazenda.

A propriedade possui toda infra-estrutura de lazer, pesquisas, congressos e col nia de férias para grupos de até 100 pessoas.

Tem um trabalho socioambiental com a comunidade local, através de pequenos projetos sociais, integrando a comunidade com a propriedade e a reserva ambiental, gerando renda para mais de 20 famílias que trabalham na propriedade.

5.1. Recursos Financeiros

Os recursos financeiros ainda são oriundos do sistema de hospedagem. Planos futuros envolverão visitas agendadas que gerarão mais recursos.

6. CARACTERIZA O DA ÁREA DO ENTORNO

O município de Saloá possui uma popula o de 15547 habitantes, com densidade de 50.5 indivíduos/km² e possui área territorial de 252.08 km². Possui  ndice de desenvolvimento de 0.561, que corresponde   posi o 171 no estado de Pernambuco.

Registros do ano de 2008 mostram que 3315 matrículas foram efetuadas no Ensino Fundamental e 717 no Ensino Médio. O número de docentes foi de 173 no Ensino Fundamental e de 40 no Ensino Médio.

O Produto Interno Bruto per capita é de 3121 reais.

O município arrecadou 7.611.022,22 reais do Fundo de Participação dos Municípios – FPM e 1.942,63 reais do Imposto Territorial Rural – ITR.

Saloá possui 79 empresas com 726 pessoas empregadas. A economia da cidade gira em torno da pecuária, avicultura e agricultura. O maior rebanho sendo o de bovinos com 13100 cabeças e mais de 95000 cabeças de aves.

Ainda apresenta hospitais, bancos, hotéis (Tabela 3) e sistema de transporte.

Tabela 3. Lista de serviços disponíveis no entorno da Reserva Natural Brejo, Saloá.

TIPO DE SERVIÇO	NOME DO ESTABELECIMENTO	ENDEREÇO
	Hospitalex Comercial Ltda.	Av. Getúlio Vargas, 33. Centro, Saloá - PE. FONE: (87)3782-1117
	Posto de Saúde da Família	R. Manoel Francisco de Lima, 15. Casa, Centro, Saloá - PE.
	Posto de Saúde da Família	Sítio Catimbau, S/N. Zona Rural, Saloá - PE.
	Posto de Saúde da Família	Av. Jose Bezerra de Lima, 28. Centro, Saloá - PE
Hospitais e Postos de Saúde	Posto de Saúde da Família	Povoado Serrinha da Prata, 1. Casa, Zona Rural, Saloá - PE
	Posto de Saúde da Família	R. Vitruvio Pinto Teixeira, S/N. Centro, Saloá - PE
	Pronto Socorro Antonio Alves de Souza	Sítio Várzea da Serra S/N. Zona Rural, Saloá - PE.
	Pronto Socorro do Gigante	Povoado do Gigante, 1. Zona Rural, Saloá - PE
Hotéis	Brejo Hotel Fazenda	Estr. de Iatecá, 42000. Fazenda Brejo, Saloá - PE
Bancos	Banco do Brasil s/a – Ag Saloá	Pc Agamenon Magalhães, 2. Centro, Saloá - PE

7. POSSIBILIDADES DE CONECTIVIDADE

Não existe nenhuma unidade de conservação nas proximidades, mas, a área da RPPN está conectada às áreas de regeneração que constituem relevantes áreas de uso inúmeras espécies de aves, anfíbios, répteis e mamíferos. Próximo à propriedade existe uma área natural de floresta ombrófila, de aproximadamente 300 ha (MAPA – ANEXO 5), que está separada das áreas de regeneração da propriedade que abriga a RPPN, por uma estrada.

Possivelmente a estrada pode constituir uma barreira ao trânsito de muitas espécies, contudo, a barreira pode ser cruzada sem muitos problemas por uma grande quantidade de aves, morcegos, alguns répteis e mamíferos de maior porte. O que faz da área vizinha um bom reservatório de genes que aumentará a viabilidade de parte da biodiversidade da RPPN Reserva Natural Brejo.

Projetos futuros poderiam fazer da área vizinha também uma Unidade de Conservação, já que os Brejos de Altitude estão cada vez mais raros e especificamente no município, a cobertura vegetal desempenha um forte papel na preservação dos mananciais. A conexão entre as áreas de cobertura vegetal poderia ser realizada visando um maior fluxo gênico entre as espécies que ocupam as duas áreas. Junção de copas ou criação de túneis poderia solucionar reatar a divisão feita pela estrada.

8. DECLARAÇÃO DE SIGNIFICÂNCIA

8.1. Importância da cobertura vegetal

A RPPN Reserva Natural Brejo possui muitos atributos que mostram a sua importância no contexto da conservação. Uma grande importância das matas ombrófilas em geral, é a sua capacidade de retenção de umidade, a qual alimentará os lençóis freáticos e cursos d'água que formarão rios. Na região do agreste pernambucano, embora possua um regime de chuva limitado, áreas que abrigam os brejos de altitude são privilegiadas por terem uma pluviosidade acima da média predominante. A cobertura vegetal nessas áreas tem grande importância para retenção dessa umidade, fato que auxiliaria toda uma ampla área no entorno desses brejos. Em nível local, percebe-se a escassez de água no município nos meses mais secos, a exploração de poços torna-se uma atividade cada vez mais comum, o que faz que a cada dia seja mais importante a manutenção da cobertura vegetal como um fator que influencia positivamente a qualidade de vida dos locais.

8.2. Bioma ameaçado

Atualmente, as regiões de Brejo de altitude contam apenas com 14% de sua área original, levando em conta que consta também mosaicos de vegetação de Caatinga e Cerrado, a área de florestas ombrófilas dos Brejos de Altitude é ainda menor que a sua área original. Estudos consolidados apresentam os Brejos de Altitude como o setor mais ameaçado da Mata Atlântica. Embora não existam dados precisos, na microrregião de Garanhuns, o desmatamento foi bastante agressivo, visto que áreas de florestas são muito escassas e existe apenas uma única unidade de conservação, a RPPN aqui tratada.

No município de Saloá, ainda é possível avistar alguns diminutos fragmentos florestais, mas em terras particulares e sem nenhuma garantia de preservação. Percebemos que a iniciativa da RPPN Reserva Natural Brejo é de grande representatividade para toda a microrregião de Garanhuns.

8.3. Espécies ameaçadas

A presença de seis espécies ameaçadas de aves e algumas espécies de morcego mostra claramente a importância da conservação da RPPN, como um abrigo para estes animais que correm risco de desaparecerem. Nesse contexto a RPPN adquire uma grande importância sob o ponto de vista global e chamam à atenção para medidas conservacionistas mais eficazes.

IV. PARTE C – PLANEJAMENTO

9. OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PLANEJAMENTO

O Manejo da RPPN Fazenda Brejo terá como principais objetivos:

- a) Promover a educação ambiental.
- b) Identificar as potencialidades para ecoturismo.
- c) Promover a restauração de áreas degradadas.
- d) Recuperar as margens das nascentes plantando espécies nativas.

10. ZONEAMENTO

Devido ao atual estado de conservação da RPPN Reserva Natural Brejo, o maior esforço a ser feito é o de preservação da fauna e flora existentes. Praticamente toda a reserva será considerada área de proteção, com exceção de uma única trilha que já é usada há muito tempo, que irá compor a área de visitação (Figura 40) (conferir anexo 5).

10.1. Zona de Proteção

Constitui toda a reserva, exceto a faixa que inclui a trilha que corta a reserva no seu centro.

10.2. Zona de Visitação

A zona de visitação na reserva será unicamente a trilha que corta a reserva e mais áreas adjacentes, com trilhas já bem estabelecidas.

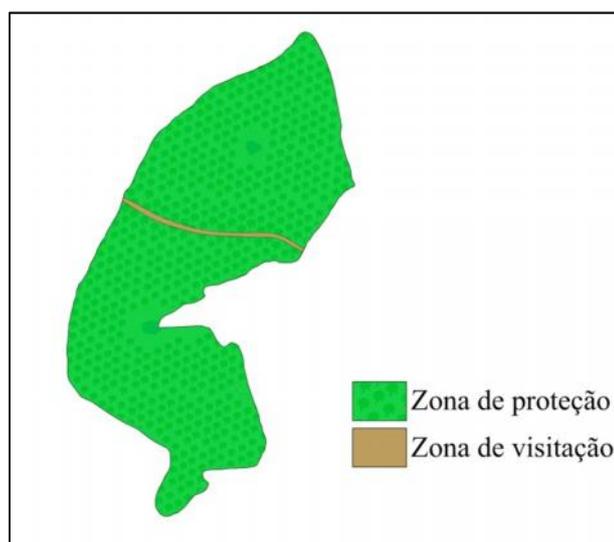


Figura 40. Destaque da área da RPPN Fazenda Brejo mostrando o zoneamento.

11. PROGRAMAS DE MANEJO

11.1. Programa de Administração

O objetivo desse programa é orientar ações necessárias quanto à contratação de pessoal, capacitação, procedimentos contábeis, registros, relatórios diversos, acervo fotográfico e visitação direcionada à educação ambiental já desenvolvida na propriedade. As

atividades administrativas estarão vinculadas à administração do Hotel Fazenda, que possui o sistema coleta de impostos única (SIMPLES).

11.1.1. Resultados Esperados

- Contabilidade em dia;
- Registros, relatórios e acervo fotográficos arquivados e disponíveis;
- Criação e posicionamento de placas de identificação instaladas;

11.1.2. Atividades

- Registros contábeis, contratações, atividades administrativo-financeiras e capacitação;
- Realização de contratação de pessoal mediante registro dos mesmos em CTPS (CLT). Para realização de atividades por um curto período de tempo fazer contratação de serviço autônomo e guardar todos os Recibos de Pagamento ao Autônomo (RPA);
- Participação em cursos, seminários e capacitações para as pessoas envolvidas com a propriedade e RPPN. Para o desenvolvimento de atividades turísticas, preparação dos empregados para tal finalidade, envolvendo-os em cursos de culinária, condução de visitantes, primeiros socorros, etc.;
- Criação e manutenção de um registro de atividades como relatórios de viagem para realização de cursos e seminários e de fiscalização e de alterações no ambiente.
- Organização de documentos em arquivos na sede da propriedade e manutenção de cópias do plano de manejo para consulta;

11.1.3. Normas

- Colocação da placa de identificação da RPPN, com o seu nome, número da portaria de reconhecimento e tamanho da área, na entrada da propriedade e nos limites estratégicos;
- Obediência à legislação ambiental vigente em caso de instalação ou construção de obras na propriedade.

11.2. Programa de Proteção e Fiscalização

Tem como objetivo garantir a proteção da RPPN. Possui descrição que orienta sobre procedimentos de fiscalização e proteção (relatório de ronda, rotinas e meios de fiscalização e proteção).

11.2.1. Resultados Esperados

- Calendário de vistorias periódicas;
- Calendário de conservação de trilhas;
- Manutenção de cerca para proteção contra o gado;

11.2.2. Atividades

- Manutenção das trilhas da RPPN;
- Posicionamento de cerca para evitar a entrada do gado na RPPN;
- Rondas de fiscalização;
- Controle de espécies exóticas vegetais.

11.2.3. Normas

- Apenas funcionários da RPPN farão as rondas;
- Os relatórios das rondas deverão constar em um livro de registros.
- O livro de registros deve conter qualquer informação relativa ao estado de conservação das trilhas e ocorrências de fatos que interfiram no estado de conservação das RPPNs.
- As rondas de fiscalização serão realizadas semanalmente e abrangerá a RPPN e as áreas florestadas adjacentes.
- Os relatórios das rondas de fiscalização indicarão a necessidade de manutenção das cercas, que circundam a RPPN;
- Qualquer infração ambiental na área da RPPN, nas áreas florestadas adjacentes e no entorno da propriedade deverão ser comunicadas aos órgãos ambientais competentes;
- As erosões identificadas pelas rondas deverão ser corrigidas por meio de aterros e plantio de mudas e cobertura com matéria vegetal seca;
- Aterros, plantio de mudas e cobertura com matéria vegetal seca em UC deverão ser feitos mediante apresentação de estudos técnicos e projetos específicos, aprovados

pelo órgão ambiental competente, que comprovem sua adequação, necessidade e viabilidade, conforme Lei 5.746, de 05 de abril de 2002;

- Erosões identificadas nas trilhas deverão ser averiguadas e mudanças no trajeto das trilhas deverão ser estudadas e os respectivos estudos devem ser apresentados ao ICMBio antes de quaisquer mudanças;
- Os animais domésticos criados na propriedade devem ter acesso impedido às áreas da RPPN, nascentes e córregos;
- Técnicos deverão orientar o controle de espécies exóticas.

11.3. Programa de Pesquisa e Monitoramento

Objetiva estabelecer diretrizes para proporcionar um bom ambiente para pesquisa acadêmica, estimulando a produção de conhecimento que poderá dar subsídios para novas ações de manejo e também adequar as atividades de pesquisa aos objetivos de manejo.

11.3.1. Resultados Esperados

- Cumprimento das normas estabelecidas por parte dos pesquisadores;
- Parcerias estabelecidas com instituições científicas;
- Estudos sobre biodiversidade;
- Interação com instituições de pesquisa;
- Divulgação de conhecimento obtido por meio dos pesquisadores.

11.3.2. Atividades

- Avaliação de projetos de pesquisas para a RPPN verificando a compatibilidade com os objetivos de manejo;
- Estabelecimento de parcerias com instituições de pesquisa;
- Aquisição e processamento dos resultados de pesquisas, para que sejam utilizados pela RPPN.

11.3.3. Normas

- Qualquer atividade referente à pesquisa deverá ser precedida da apresentação de um plano de pesquisa e devida documentação comprobatória de vínculos com instituições e licenças de órgão ambiental (quando for o caso). A avaliação é possível

aprovação deverão ser feitas pelo proprietário após um parecer de profissional competente e ciente dos objetivos de manejo;

- Os planos de pesquisa deverão considerar o mínimo de impacto ambiental possível. Em pesquisas que envolvam sacrifícios de animais deverá ser analisada a contribuição científica que resultará da mesma;
- Um documento deverá ser elaborado constando as normas para os pesquisadores, que deverá ser assinado e anexado aos documentos comprobatórios e ao plano de pesquisa;
- A produção de conhecimento deverá ser compartilhada com a RPPN. Cópias de relatórios, artigos e trabalhos acadêmicos deverão ser arquivados;
- Os pesquisadores poderão utilizar a casa do proprietário como alojamento mediante autorização do mesmo e sair a campo somente com aviso do trajeto que executará;
- A pesquisa deve conter um plano de trabalho com cronograma, objetivos, métodos, equipe executora, resultados esperados e a contribuição esperada para os objetivos da RPPN;
- Disponibilizar os resultados das pesquisas publicadas no banco de dados da CNRPPN (www.reservasparticulares.org.br);
- Desmontar o experimento após finalização da pesquisa.

11.4. Programa de Visitação

O programa de visitação tem como objetivo promover a educação ambiental de turistas e locais e auxiliar na sustentabilidade econômica.

11.4.1. Resultados Esperados

- Sensibilização de turistas e população local quanto à importância da conservação ambiental;

11.4.2. Atividades

- Instrução sobre minimização de impactos durante o trajeto;
- Estabelecimento de taxas para visitação;
- Apoio a visitas de escolas através da divulgação das trilhas interpretativas;
- Atividade recreativa para os turistas;
- Elaboração de material impresso para acompanhamento na trilha;

- Criação de um roteiro de interpretação ambiental com pontos de paradas nas trilhas e assuntos a serem abordados.

11.4.3. Normas

- As visitas acontecerão frequentemente com horários pré-estabelecidos para grupos de hóspedes;
- Grupos de visitação de escolas terão que agendar as possíveis datas, respeitando a capacidade de suporte;
- Não será permitida remoção de material biológico.
- Não será permitido jogar resíduos no chão;
- As trilhas serão guiadas apenas por um representante capacitado da RPPN;

11.5. Programa de Sustentabilidade Econômica

Objetiva buscar recursos para implantação dos programas de manejo.

11.5.1. Resultados Esperados

- Geração de renda através das atividades turísticas;
- Levantamento de potenciais apoiadores;

11.5.2. Atividades

- Envio de projetos específicos de acordo com editais de apoio;

12. PROJETOS ESPECÍFICOS

A equipe técnica recomenda que haja um projeto específico de reflorestamento de áreas adjacentes, bem como de Áreas de Preservação Permanente. Essas ações ampliarão o habitat natural de inúmeras espécies lá existentes. O plano deverá ser baseado nos diagnósticos aqui obtidos e irão conter:

- Escolha das espécies vegetais com base em suas características para cultivo e papel ecológico;
- Contratação de profissional competente para gerenciamento da restauração;

- Projeto de casa de vegetação para cultivo de mudas.

13. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividade	2012	2013	2014	2015	2016
Posicionamento de placas de identificação	X				
Disponibilização de acervo fotográfico e bibliográfico	X	X	X		
Implementação de calendário de vistorias e conservação de trilhas	X	X			
Implementação de controle de atividades de pesquisas acadêmicas	X	X			
Início de atividades de produção de mudas e restauração APPs do entorno da RPPN			X	X	X

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE-LIMA, D. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. **Arquivo do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco**, v. 5, p. 305-341, 1960.

_____. Tipos de floresta de Pernambuco. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, v. 2, p. 69-85, 1961.

_____. Present day forest refuges in Northeastern Brazil. In: PRANCE, G.T. (Ed.). **Biological Diversification in the Tropics**. New York: Columbia University Press, 1982, p. 245-254.

ANDRADE, K.S.A.A. **Fisionomia e Estrutura de um Remanescente de Floresta Estacional Semidecidual na Estação Ecológica do Tapacurá, Município de São Lourenço da Mata, Pernambuco - Brasil**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2002.

ANIMAL CARE AND USE COMMITTEE. Guidelines for the capture, handling, and care of mammals as approved by the American Society of Mammalogists. **J. Mammal.** v. 79, p. 1416-1431, 1998.

BARBOSA, M.R.V. **Estudo florístico e Fitossociológico da Mata do Buraquinho, Remanescente de Mata Atlântica em João Pessoa-PB**. São Paulo, Campinas, tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

BORGES, M.S. **Composição Florística e Estrutura da Mata de Dois Irmãos**. Pernambuco, Recife, monografia de bacharelado em Ciências Biológicas. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1992.

BREDT, A. & W. UIEDA. Bats from urban and rural environments of the Distrito Federal, Midwestern Brazil. **Chiroptera Neotropical**, v. 2, n. 2, p. 54-57, 1996.

BROWN, K.S. & G.G. BROWN. Habitat Alteration and Species Loss in Brazilian Forests. In: WHITMORE, T. C. & SAYER, J. A. (Eds.) **Tropical Deforestation and Species Extinction**. London: Chapman & Hall, 1992, p. 119-142.

CAVALCANTI, M.S. **Aspectos da Vegetação da Mata do Jardim Botânico do Curado**. Pernambuco, Recife, monografia de bacharelado em Ciências Biológicas. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1985.

CIFUENTES, M. **Determinación de Capacidad de Carga Turística em áreas protegidas**. Centro Agronômico Tropical de Investigación e Enseñanza - CATIE, Tiralba, Costa Rica. 1992.

CITES- (Convenção sobre o comércio internacional de espécies da flora e fauna). Disponível em : <<http://www.cites.org>>. Acesso em: março de 2009.

CORREIA, M.S. **Estrutura da Vegetação da Mata Serrana de um Brejo de Altitude de Pesqueira- PE**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

CPRH – Agência Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Unidades de Conservação: UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE USO SUSTENTÁVEL**. 2009.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Diagnóstico do Município de Saloá. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento Por Água Subterrânea (Pernambuco)**. Ministério de Minas e Energia, 2005.

DEAN, W. **With the Broadox and Firebrand, the Destruction of the Brazilian Atlantic Forest**. Berkeley: University of California Press, 1995, p. 484.

DIAS, I.S., I.G. CÂMARA & C.F. LINO. **Workshop Mata Atlântica: problemas, diretrizes e estratégias de conservação**. Fundação SOS Mata Atlântica, São Paulo, 1990.

FERRAZ, E.M.N. **Estudo florístico e Fitossociológico de um Remanescente da Floresta Ombrófila Montana em Pernambuco, Nordeste do Brasil**. Pernambuco, Recife, tese de doutorado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2002.

FERRAZ, E.M.N. *et al.* Composição florística em trecho de vegetação de caatinga e brejo de altitude na região do Vale do Pajeú, Pernambuco. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 21, p. 7–15, 1998.

GIULIETTI, A.M. *et al.* 2002. Caatinga: Vegetação e Flora. In: MAURY, C.M. (Org.). **Biodiversidade Brasileira: avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira**. 1ª Ed. Brasília, 2002, v. 1, p. 12-404.

GUEDES, M.L.S. **Estudo Florístico e Fitossociológico de um Trecho de Reserva Ecológica da Mata de Dois Irmãos. Recife - PE**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1992.

IBAMA (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Renováveis). Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br>>. Acesso: março de 2009.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). **RELATÓRIO RESUMIDO DAS RPPN POR ESTADO**. Disponível em: www.icmbio.gov.br.

IUCN 2008. **The World Conservation Union**. Disponível em: <<http://www.iucn.org>>. Acesso em: março de 2008.

JATOBA, L. **Geomorfologia**. Recife: Ed. Bagaco, 1999.

LINS, R.C. **As áreas de exceção do agreste de Pernambuco**. Recife, Sudene, 1989.

LINS, R.C. & A.C.B. SILVA. **Florística e fitossociologia do componente arbóreo em um fragmento de mata atlântica na região metropolitana do Recife/PE**. Pernambuco, Recife,

trabalho de conclusão de curso de bacharelado em Ciências Biológicas. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1996.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras**. Editora Plantarum, São Paulo: Nova Odessa, v. 01, 1992.

_____. **Árvores Brasileiras**. Editora Plantarum, São Paulo: Nova Odessa, v. 02, 1998.

LYRA, A.L.R.T. **Efeito do relevo na vegetação em duas áreas do município de Brejo da Madre de Deus, PE**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1982.

MAYO, S.J. & V.P.B. FEVEREIRO. **Mata de Pau Ferro - A Pilot Study of the Brejo Forest of Paraíba, Brazil**. London: Royal Botanic Gardens, 1982.

MEDEIROS-COSTA, J.T. Aspectos da vegetação de Suape: O espaço da futura barreira florestal. In: **Programa Ecológico e Cultural do Complexo Industrial e Portuário de Suape**, Recife, PECCIPS, CONDEPE, 1979.

METZGER, J. P. Como restaurar a conectividade de paisagens fragmentadas? In: KAGEYAMA, P.Y., R.E. OLIVEIRA, D. de L.F. MORAES, V.L. ENGEL & F.B. GANDARA (Eds.). **Restauração ecológica de ecossistemas naturais**. São Paulo: Fepaf, 2003. p. 49-76.

MMA (Ministério do Meio Ambiente). **Plano de ação para a mata Atlântica, Brasília**. 1998.

MMA - **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. A.B.M. MONTEIRO, G.M. DRUMMOND & A.P. PAGLIA. (Eds). 1ª Ed. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas, 2008.

MORI, S. A. Eastern, Extra-amazonian Brazil. In: CAMPBELL, D. G. & H. D. HAMMOND. (Eds). **Floristic Inventory of Tropical Countries: The Status of Plant Systematics, Collections, and Vegetation, plus Recommendations for the Future**. New York: The New York Botanical Garden, 1989, p. 428-454.

MOURA, F.P.B. **Fitosociologia de uma Mata Serrana Semidecídua no Brejo de Jataúba, PE**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1997.

MYERS, N. *et. al.* Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, p. 853-858, 2000.

NASCIMENTO, L.M. **Caracterização Físico-estrutural de um Fragmento de Floresta Montana no Nordeste do Brasil**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2001.

OLIVEIRA, M.A., A.A. GRILLO & M. TABARELLI. Caracterização da flora dos remanescentes da Usina Serra Grande, Alagoas. **Relatório Técnico**. Recife: Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (CEPAN), 2004. (<http://www.cepan.org.br/relatorios>).

OLIVEIRA, M.A. 2007. **Fragmentação e a riqueza de árvores em escala local e regional na Floresta Atlântica Nordestina: Implicações para a conservação de árvores.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. PAZ, Frei J. B. A. **Pesquisa realizada na localidade.** 24 de janeiro de 1998.

RANTA, P. *et. al.* The fragmented Atlantic rain forest of Brazil: size, shape and distribution of forest fragments. **Biodiversity Conservation**, v. 7, p. 385-403, 1998.

REIS, N. DOS *et. al.* (Eds). **Morcegos do Brasil.** Paraná, Londrina, 2007, 253 p.

REIS, N.R., I.P. LIMA, & A.L PERACCHI. Morcegos (Chiroptera) da área urbana de Londrina Paraná – Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 19, n. 3, p. 739-746, 2002.

SACRAMENTO, A.C.S. **Levantamento Florístico da Restinga da Praia do Paiva – Ponte dos Carvalhos, Cabo de Santo Agostinho, PE.** Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2000.

SALES, M. F., S.J. MAYO & M.J.N RODAL. **Plantas vasculares das florestas serranas de Pernambuco: um checklist da flora ameaçada dos Brejos de Altitude, Pernambuco, Brasil.** Recife: Imprensa Universitária, UFRPE, 1998, 130p.

SECTMA - Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente. **“Plano Estadual de Recursos Hídricos (PERH –PE)”**. 8 volumes. 1º Plano Estadual de Recursos Hídricos do Estado de Pernambuco. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente, Recife, 1998.

SILVA, S.S.P. & A.L. PERACCHI. Observação da visita de morcegos às flores de *Pseudobombax grandiflorum* (Cav.) A. Robyns. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 12, n. 4, p. 859-865, 1995.

SIQUEIRA, D.R. **Estudo Florístico e Fitossociológico de um Trecho da Mata de Zumbi, Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco.** Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1997.

SOS MATA ATLÂNTICA. **Programa de Incentivo às RPPNs da Mata Atlântica.** Edital, junho de 2008. (Disponível em: <http://www.sosma.org.br/Edital_2008.pdf>).

SRH - Secretaria de Recursos Hídricos. Disponível em: <http://www.sirh.srh.pe.gov.br/site/bacia_rio_ipanema.php>. Acesso em 24 de outubro de 2008.

TABARELLI, M. & A. M. SANTOS. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. In: PÔRTO, K. C., J. J. P. CABRAL & M. TABARELLI (Orgs.). **Brejos de Altitude em Pernambuco e Paraíba: História Natural, Ecologia e Conservação.** Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2004.

TAVARES, S. **Madeiras do Nordeste do Brasil.** Pernambuco, Recife, monografia V, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1959.

TURNER I.M. & R.T. CORLETT. The conservation value of small, isolated fragments of lowland tropical rain Forest. **Trends in Ecology & Evolution**, v. 11, n. 8, p. 330-333, 1996.

VIEIRA, M.C.W. Pesquisas científicas em biodiversidade. In: MESQUITA, C.A.B. & M.C.W. VIEIRA (Org.). **RPPN: Reservas Particulares do Patrimônio Natural na Mata Atlântica**. São Paulo: Caderno da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, n. 28. 2004.

VI. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANUÁRIO MINERAL BRASILEIRO. Brasília: DNPM, v.29, 2000, 401p.

APG II. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 141, p. 399-436, 2003.

AURICHIO, P. & M.G. SALOMÃO (Orgs). **Técnicas de coleta e preparação de vertebrados para fins científicos e didáticos**. São Paulo, Instituto Pau Brasil de História natural, p. 348, 2002.

COMITÊ BRASILEIRO DE REGISTROS ORNITOLÓGICOS. **Listas das aves do Brasil**. Versão 09/08/2009. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 12 de outubro de 2009.

CNIP - (Centro nordestino de informações sobre plantas). Disponível em: <http://www.cnip.org.br/uc_arquivos/PB_estados.html>. Acesso em: março de 2009.

FERRETI, E.R. **Turismo e Meio Ambiente**. São Paulo: Editora Roca, 2002.

FREITAS, R.W.F. de. **Proposta metodológica para o ensino de botânica em regiões de Brejo de Altitude. Monografia apresentada à coordenação de Pós Graduação *latu sensu*, para a obtenção do título de Especialista no Ensino de Biologia**. Universidade de Pernambuco UPE, Faculdade de Formação de Professores de Nazaré da Mata/PE, 2002.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. & INPE. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período 1995-2000**. Relatório final. Disponível em: <<http://www.sosmataatlantica.org.br/atlas2001>>. Acesso em 17 de agosto de 2009.

GUERRA, D. Q. **Chiroptera de Pernambuco: distribuição e aspectos biológicos**. Pernambuco, Recife, dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

GOERCK, J.M. **Birds of Atlantic forest of Brazil: patterns of rarity and species distribution along an elevational gradient**. St. Louis, Master Thesis, University of Missouri, 1995.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ – IAP. Plano de Manejo do Parque Estadual Mata dos Godoy. Curitiba, Paraná. 2002.

IPNI. **The International Plant Names Index**. 2009. Disponível em: <<http://www.ipni.org>>. Acesso em: março de 2009.

JÚNIOR, A.T. **Ecologia e História Natural da Mata Atlântica**. Editora Interciência, Rio de Janeiro-RJ, 2005.

KUNZ T.H. & M.B. FENTON. **Bat ecology**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

MARINHO-FILHO, J. & I. SAZIMA. Brazilian bats and conservation biology (A first survey). In: KUNZ, T.H. & P.A. Racey (Eds.). **Bat – Biology and Conservation**. Smithsonian Institution Press, 1998, p. 281-294.

MENGHINI, F.B. **As trilhas interpretativas como recurso pedagógico: caminhos traçados para a educação ambiental**. Santa Catarina, Itajaí, Programa de Mestrado Acadêmico e Educação – PMAE, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI, 2005.

MESQUITA, C.A.B. & M.C.W. VIEIRA (Org.). **RPPN: Reservas Particulares do Patrimônio Natural na Mata Atlântica**. São Paulo. Caderno da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. N. 28, 11 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.conservation.org.br/noticias/noticia.php?id=198>>. Acesso em: março de 2009.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. **Diagnóstico do município de salaó: Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. 2005.

NEUWEILWER, G. *The Biology of Bats* New York: Oxford University Press, 2000. 310p.
PEDRINI, A. de G. *et. al. O ecoturismo e a educação ambiental*. Pael Virtual Editora. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

PRANCE, G.T. Biogeography of neotropical plants. In: WHITMORE, T.C. & G.T. PRANCE (Eds.). **Biogeography and quaternary history in tropical**. Oxford: America Claredon Press, 1987, p.175-196.

RODAL, M.J.N., M.F. SALES & S.J. MAYO. **Florestas Serranas de Pernambuco**. Recife, Imprensa da UFRPE, 1998.

RODRIGUES, M.T. Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso, **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 87-94, 2005.

SANTOS, E. M.; CARNAVAL, A. C. O. Q. Anfíbios Anuros do Estado de Pernambuco. In: TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (orgs.), **Diagnóstico da Biodiversidade de Pernambuco**. Recife: M.C.T./Editora Massangana, p. 529-536, 2002.

SBH- Sociedade Brasileira de Herpetologia. **Brazilian reptiles- list of species**. Accessed at <www.sbherpetologia.org.br>. Acesso em: agosto de 2009.

SILVA, J.M.C. & C.H.M CASTELETTI.. Status of the Biodiversity of the Atlantic Forest of Brazil. In: GALINDO-LEAL, C. & I.G. CÂMARA (Eds.). **The Atlantic forest of South America: Biodiversity Status, Threats, and Outlook**. USA, DC, Washington: CABS and Island Press, 2003, p. 43–59.

SILVANO, D. L & SEGALLA, M. V. Conservação de anfíbios no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 79-86, 2005.

VANZOLINI, P. E. Ecological and geographical distribution of lizards in Pernambuco, Northeastern Brasil (Sauria). **Papéis Avulsos de Zoologia**, v. 28, p. 61-90, 1974.

VELOSO, H.P., A.L.R. RANGEL-FILHO & J.C.A. LIMA. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991, 91p.

ANEXO

ANEXO 1: Lista de Famílias e espécies de vegetais encontrados na Fazenda Brejo, Saloá - PE.

FAMÍLIAS/ESPÉCIES	HÁBITO	NOME VULGAR	HABITAT
ACANTHACEAE			
<i>Dicliptera ciliaris</i> Juss	Arbusto		Margem da estrada
<i>Ruellia asperula</i> (Nees) Lindau	Arbusto		Topo; borda da mata
<i>Beloperone</i> sp.	Trepadeira		Próximo à piscina, local úmido
ALSTROEMERACEAE			
<i>Alstroemeria longistaminea</i> Mart. ex. Schult. & Schult.f.	Erva		Topo
<i>Bomarea edulis</i> (Tussac) Herb.	Erva		Topo
AMARANTHACEAE			
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Subarbusto		Topo
<i>Gomprena</i> sp.	Erva		Topo
ANACARDIACEAE			
<i>Tapirira guianensis</i> Aubl. ^{FATB}	Árvore	Cupiúba	Topo
APOCYNACEAE			
<i>Himatanthus bracteatus</i> (A. DC.) Woodson ^{FATB}	Arvoreta	Banana-de-papagaio	Próximo da nascente
<i>Mandevilla scabra</i> (Roem. e Schult.) K. Schum.	Trepadeira		Topo
<i>Mandevilla tenuifolia</i> (J.C. Mikan) Woodson ^{CA}	Erva		Topo
Indeterminada	Trepadeira	Flor-vermelha	Topo
AQUIFOLIACEAE			
<i>Ilex</i> sp.	Arvoreta		Próximo do rio
ARACEAE			
<i>Anthurium affine</i> Schott	Hemiepífita		Topo
<i>Philodendron imbe</i> Schott	Hemiepífita		Topo
<i>Philodendron leal-costae</i> Mayo & G.M. Barroso	Hemiepífita		Topo
ARECACEAE			
<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Beccari. ^{FSD}	Árvore	Coco-católé	Área descampada
ASCLEPIADACEAE			
<i>Asclepias curassavica</i> L.	Subarbusto	Oficial-de-sala	Córrego
<i>Matelea maritima</i> (Jacq.) Woodson subsp. <i>ganglinosa</i> (Vell.) Fontella	Trepadeira		Topo
ASTERACEAE			
<i>Agerantum conyzoides</i> L.	Erva		Área descampada
<i>Baccharis serrulata</i> (Lam.) Pers.	Subarbusto		Topo
<i>Bidens pilosa</i> L.	Erva		Interior da mata
<i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M. King & H. Rob.	Subarbusto		Topo
<i>Conyza bonariensis</i> L.	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Delilia biflora</i> (L.) O. Kuntze	Erva		Margem da estrada
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Erva		Área descampada
<i>Mikania cf. hemisphaerica</i> Sch. Bip. ex Baker	Trepadeira		Área regeneração, borda da mata
<i>Paralychnophora reflexoauriculata</i> (G.M. Barroso) MacLeish ^{CE, RE}	Arvoreta		Topo
<i>Sonchos</i> sp.	Subarbusto		Área descampada
<i>Vernonia brasiliana</i> (L.) Druce	Arbusto		Área de regeneração
<i>Vernonia riedelli</i> Sch. Bip.	Subarbusto	Estrelinha	Área regeneração
<i>Vernonia</i> sp.	Arbusto		Área descampada

Indeterminada	Arbusto		Área descampada
BEGONIACEAE			
<i>Begonia grisea</i> A.DC.	Erva	Begonia	Topo
<i>Begonia saxicola</i> A.DC.	Erva	Begonia	Topo
BIGNONIACEAE			
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Trepadeira	Cipó-de-são-joão	Próximo à piscina, local seco.
<i>Tabebuia chrysostricha</i> (Mart. ex. DC) Standley ^{FATB}	Árvore	Pau-d'arco-amarelo, Ipê-amarelo	Mata
<i>Tabebuia impetiginosa</i> Lorentz ex. Griseb. ^{FATB}	Árvore	Pau-d'arco-roxo, Ipê-roxo	Borda da mata
BORAGINACEAE			
<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem & Schult.	Arbusto	Moleque-duro	Área regeneração
<i>Cordia polycephala</i> (Lam.) I.M. Johnston	Arbusto		Topo
<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arrab. Ex. Stend ^{FATB}	Árvore	Frei-jorge	Mata
<i>Cordia sellowiana</i> Cham. ^{FATB}	Árvore	Gargaúba	Borda da mata
<i>Heliotropium angiospermum</i> Murray	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Heliotropium indicum</i> L.	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Heliotropium procumbens</i> Mill.	Erva		Margem da estrada
<i>Tournefortia</i> sp.	Arbusto escandente		Topo
BROMELIACEAE			
<i>Aechmea lingulata</i> (L.) Baker	Epífita		Mata
<i>Aechmea stelligera</i> L.B.Smith.	Epífita		Mata
<i>Hohenbergia ramageana</i> Mez	Erva		Topo, mata
<i>Bromelia plumieri</i> (E. Morr.) L.B.Sm.	Erva		Mata
<i>Portea leptantha</i> Harms	Erva		Topo, mata
<i>Tillandsia geminiflora</i> Brong	Epífita	Enxerco	Topo, mata
<i>Tillandsia recurvata</i> (L.) L	Epífita	Enxerco	Topo, mata
<i>Tillandsia stricta</i> Solander	Epífita	Enxerco	Topo, mata
<i>Tillandsia tenuifolia</i> L.	Epífita	Enxerco	Topo, mata
<i>Tillandsia</i> sp.	Epífita	Enxerco	Interior da mata
BURSERACEAE			
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand ^{FATB}	Árvore	Amescla	Mata
CACTACEAE			
<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton & Rose) ^{CA} Luetzelb.	Erva	Coroa-de-frade	Topo
<i>Pilosocereus</i> cf. <i>pachycladus</i> F.Ritter ^{CA}	Árvore	Facheiro	Topo
<i>Rhipsalis baccifera</i> (J. Mill.) Stearn	Epífita		Topo, mata
CAPRIFOLIACEAE			
<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. ex Schult.	Erva		Topo
CECROPIACEAE			
<i>Cecropia pachystachya</i> Tréché. ^{FATB}	Árvore	Imbaúba	Mata ciliar
CLUSIACEAE			
<i>Clusia nemorosa</i> G. Mey. ^{FATB}	Árvore	Orelha-de-burro	Topo, mata
<i>Clusia</i> sp.	Árvore		Topo

COMBRETACEAE*Buchenavia capitata* (Vahl) Eichler ^{FATB}

Árvore

Miringuiba,
mirindiba

Topo

COMMELINACEAE*Commelina obliqua* Vahl

Erva

Erva-de-santa-
luzia

Topo

Indeterminada

Erva

Borda da mata

CONVOLVULACEAE*Ipomoea* sp.

Trepadeira

Margem da estrada

Jacquemontia confusa Meissn.

Trepadeira

Topo

CYPERACEAE*Eleocharis* sp.

Erva

Local úmido

DIOSCOREACEAE*Dioscorea* sp.

Trepadeira

Topo, área de
regeneração**ERICACEAE***Agarista revoluta* (Spreng.) Hook.f. ex
Nied. ^{CE, RE}Arvoreta,
arbusto,

Topo

ERIOCAULACEAE*Paepalanthus* sp.

Erva

Topo

ERYTHROXYLACEAE*Erythroxylum subrotundum* A.St.-Hil. ^{FSD}

Árvore

Cafezinho

Borda da mata

Erythroxylum sp.

Árvore

Piriá-bravo

Mata, topo

EUPHORBIACEAE*Acalypha multicaulis* Müll. Arg. ^{CA}

Arbusto

Próximo à piscina, local
úmido*Croton blanchetianus* Baill. ^{CA}

Arbusto

Marmeleiro-
branco
Velame*Croton heliotropifolius* Kunth. ^{CA}

Arbusto

Croton lobatus L.

Erva

Topo

Croton rhamnifolioides Pax & Hoffm. ^{CA}

Arbusto

Quebra-faca

Dalechampia sp.

Trepadeira

Euphorbia comosa Vell.

Subarbusto

Borda da mata

Microstachys hispida (Mart.) Govaerts. ^{CA}Arbusto,
subarbusto

Topo, área descampada

Tragia cf. vollubilis L.

Trepadeira

Topo, interior da mata,
borda da mata**FABACEAE***Acacia* sp.

Árvore

Interior da mata

Aeschynomene cf. elegans Schldt & Cham

Subarbusto

Topo

Aeschynomene sp.

Arbusto

Próximo à piscina

Andira fraxinifolia Benth. ^{FATB}Árvore,
arvoreta

Angelim

Borda da mata, área
descampada*Bauhinia cheilantha* (Bong.) Steud. ^{CA}

Arvoreta

Pata-de-vaca,
mororó

Mata

Bowdichia virgilioides Kunth ^{FATB}

Árvore

Sucupira

Mata, topo

Caesalpinia sp.

Arvoreta

Borda da mata

Chamaecrista ensiformes (Vell.) Irwin &
Barneby ^{FATB}

Arvoreta

Coração

Próximo à piscina

Chamaecrista nictitans (L.) Moench

Erva

Borda da mata

Chamaecrista sp.

Subarbusto

Área regeneração

Cassia sp.

Arvoreta

Topo

Crotalaria cf. pallida Ait.

Arbusto

Topo

Crotalaria sp.

Subarbusto

Topo

<i>Desmodium incanum</i> (Sw.) DC.	Subarbusto		Área regeneração
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong ^{FSD}	Árvore	Tambor, tamboril, orelha-de-nego	Área descampada
<i>Indigofera suffruticosa</i> Mill.	Subarbusto		Topo, área descampada, borda da mata
<i>Inga</i> sp1. ^{FATB}	Árvore	Ingá	Próximo de rio
<i>Inga</i> sp2. ^{FATB}	Árvore	Ingá	Próximo a fonte d' água
<i>Machaerium angustifolium</i> Vogel ^{FATB}	Árvore	Chifre-de-bode, mal-vizinho	Mata
<i>Machaerium</i> sp.	Arbusto escandente		Área regeneração
<i>Mimosa pigra</i> L.	Arbusto		Área alagada
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir. ^{CA}	Árvore	Jurema-preta	Área descampada
<i>Mimosa sensitiva</i> L.	Arbusto	Malícia	Borda da mata, área descampada
<i>Periandra coccinea</i> (Schrad) Benth.	Trepadeira		Topo
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell) Taub.	Arbusto		Borda, topo
<i>Piptadenia stipulaceae</i> (Benth.) Ducke ^{CA}	Arvoreta	Jurema-branca; rasga-beiço	Área de regeneração
<i>Pithecolobium polycephalum</i> Benth. ^{FSD}	Árvore	Canzenze	Área de regeneração
<i>Platypodium elegans</i> Vogel. ^{FSD}	Árvore		Área descampada
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S. Irwin & Barneby	Arbusto		Área descampada, topo
<i>Senna</i> sp.	Arvoreta		Área descampada
<i>Stylosanthes viscosa</i> Sw.	Erva		Topo
Indeterminada	Árvore	Sucupira-da-mata	Topo
HIPPOCRATEACEAE			
<i>Hippocratea volubilis</i> L.	Trepadeira		Próximo à piscina
HYPOXIDACEAE			
<i>Hypoxis decumbens</i> L.	Erva		Topo
IRIDACEAE			
<i>Cypura flava</i> Ravenna	Erva		Borda da mata, topo
LABIATAE			
<i>Hyptis martiusii</i> Benth ^{CA*}	Arbusto		Interior da mata
<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit	Subarbusto		Borda da mata
<i>Hyptis</i> cf. <i>umbrosa</i> Salzm. ex Benth	Arbusto		Topo
<i>Hyptis</i> sp.1	Subarbusto		Topo
<i>Hyptis</i> sp.2	Subarbusto		Topo
LAURACEAE			
<i>Ocotea</i> cf. <i>gardneri</i> (Meisn.) Mez. ^{FATB}	Arvoreta		Topo
<i>Ocotea opifera</i> (Nees) Mart. ^{FATB}	Árvore	Louro	Mata
<i>Ocotea</i> sp.	Árvore	Louro	Topo
LYTHRACEAE			
<i>Cuphea</i> cf. <i>affinitatum</i> Koehne	Subarbusto		Topo
<i>Cuphea</i> sp.	Erva		
<i>Lafoensia glyptocarpa</i> Kochne ^{FSD}	Árvore		Topo
MALPIGHIACEAE			
<i>Banisteriopsis</i> cf. <i>muricata</i> (Cav.) Cuatr. ^{FATB}	Trepadeira		Área de regeneração
<i>Byrsonima sericea</i> A.DC. ^{FATB}	Árvore	Murici	Topo
<i>Byrsonima correfolia</i> Adr. Juss. ^{RE, CE}	Arbusto		Topo
<i>Byrsonima</i> cf. <i>crispa</i> A. Juss. ^{FATB}	Árvore	Murici	Mata
<i>Byrsonima gardneriana</i> Juss. ^{FATB}	Arvoreta	Murici-do-cerrado	Topo

<i>Carolus chasei</i> (W.R.Andreson) W.R.Andreson	Trepadeira, arbusto		Área de regeneração
<i>Mascagnia psilophylla</i> Griseb.	Trepadeira		Área de regeneração
<i>Stigmaphyllon paralias</i> A.Juss.	Erva		Topo
Indeterminada	Trepadeira		Topo
MALVACEAE			
<i>Eriotheca crenuticalix</i> A. Robyns ^{FATB}	Árvore	Barriguda, munguba	Área descampada
<i>Melochia rotundifolia</i> Schrank.	Arbusto		Área descampada
<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	Subarbusto	Malva	Área de regeneração
<i>Sidastrum paniculatum</i> (L.) Fryxell	Subarbusto	Rabo-de-raposa	Margem da estrada
<i>Sida cordifolia</i> L.	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Sida</i> sp.	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Triumfetta abutiloides</i> A . St.-Hil.	Arbusto		Borda da mata
MARANTACEAE			
<i>Stromanthe tonckat</i> (Aubl.) Eichler	Arbusto		Interior da mata
MELASTOMATACEAE			
<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.			Mata
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC. ^{FATB}	Árvore		Mata
<i>Miconia</i> sp. ^{FSD}	Arbusto/árvore, arvoreta	Cinzeiro	Topo, mata, margem de rio
<i>Tibouchina multiflora</i> (Gardner) Cogn. ^{CE, RE}	Arvoreta	Quaresmeira	Topo
MELIACEAE			
<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer ^{FATB}	Árvore	Pitomba-de-macaco	Próximo da fonte
MONIMIACEAE			
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl. ^{FATB}	Árvore		Próximo de rio
MORACEAE			
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Árvore	Jaqueira	
<i>Ficus gomelleira</i> Kunth. ^{FATB}	Árvore	Gameleira, mata-pau	Mata
MYRSINACEAE			
<i>Myrsine</i> cf. <i>guianensis</i> (Aubl.) Kuntze ^{FATB}	Árvore/ arvoreta	Pororoca	Área de regeneração, interior da mata
MYRTACEAE			
<i>Campomanesia dichotoma</i> (O . Berg) Mattos	Árvore		Interior mata
<i>Eugenia</i> sp.	Arbusto	Murta	Topo
<i>Calyptranthes</i> sp.	Arbusto, árvore		Topo, interior mata
<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) A.DC. ^{FATB}	Árvore/ arvoreta		Topo, interior mata
<i>Myrcia sylvatica</i> (G.Mey.) A.DC. ^{FATB}	Árvore/ arvoreta		Topo, interior mata
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC. ^{FATB}	Árvore/ arvoreta		Topo, interior mata
<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Arbusto		Topo
<i>Myrciaria</i> sp.	Arbusto		Topo
<i>Psidium guineense</i> SW.	Arbusto		Área descampada
NYCTAGINACEAE			
<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz. ^{FATB}	Árvore/ Arvoreta	Maria-mole, pau-piranhã	Mata
<i>Guapira pernambucensis</i> (Casar)	Árvore/		Topo

Lundell. ^{FATB}	Arvoreta		
OCHNACEAE			
<i>Ouratea castaeneifolia</i> (DC.) Engler	Arbusto		Trilha da mata
OLACACEAE			
<i>Schoepfia</i> cf. <i>brasiliensis</i> A.DC. ^{FSD}	Árvore/ Arvoreta		Borda da mata, topo
ORCHIDACEAE			
<i>Campylocentrum crassirhizum</i> Hoehne	Epífita	Orquídea	Topo
<i>Cattleya labiata</i> Lindl.	Epífita	Orquídea	Interior da mata
<i>Cyrtopodium poluphyllum</i> (Vell.) Pabst.	Erva	Orquídea	Topo
<i>Dichaea panamensis</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Topo
<i>Encyclia megalantha</i> (Barb. Rodr.) Porto & Brade	Erva	Orquídea	Mata
<i>Epidendrum ramosum</i> Jacq.	Erva	Orquídea	Topo
<i>Epidendrum rigidum</i> Lodd.	Erva	Orquídea	Topo
<i>Epidendrum saxatile</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Topo
<i>Hexadesmia cearensis</i> Schltr.	Erva	Orquídea	Topo, mata
<i>Habenaria petalodes</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Mata
<i>Maxillaria</i> Sp1	Erva	Orquídea	Mata
<i>Maxillaria</i> Sp2	Erva	Orquídea	Mata
<i>Oeceoclades maculata</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Mata
<i>Oncidium barbatum</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Mata
<i>Pleurothallis rubens</i> Lindl.	Erva	Orquídea	Topo, mata
<i>Rodriguesia bahiensis</i> Rchb. F.	Erva	Orquídea	Mata
Indeterminada	Epífita		Topo
OXALIDACEAE			
<i>Oxalis glaucescens</i> Norlind	Subarbusto		Interior da mata
PASSIFLORACEAE			
<i>Passiflora galbana</i> Mast.	Trepadeira		Topo
<i>Passiflora</i> sp.	Trepadeira	Maracujá-do-mato	Área descampada
PHYTOLACCACEAE			
<i>Rivina humilis</i> L.	Erva		Margem da estrada
PIPERACEAE			
<i>Peperomia</i> sp.	Erva		Topo
<i>Piper aduncum</i> L.	Arbusto		Próximo de rio
<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Arbusto		Próximo de rio
POACEAE			
<i>Lasaicis sorghoidea</i> (Ham.) Hitchc. & Chase	Erva	Taquara	Interior da mata
<i>Panicum</i> sp.	Erva		Topo
POLYGALACEAE			
<i>Polygala violaceae</i> Aubl.	Erva		Área de regeneração
<i>Polygala paniculata</i> L.	Erva		Área de regeneração
<i>Securidaca</i> sp.	Erva		Topo
PORTULACACEAE			
<i>Portulaca</i> sp.	Erva		Topo
RUBIACEAE			
<i>Alseis floribunda</i> Schott ^{FSD}	Árvore/ Arvoreta		Mata
<i>Borreria</i> cf. <i>densiflora</i> DC.	Erva		Topo

<i>Borreria humifusa</i> Mart.	Erva		Local úmido, topo
<i>Borreria</i> sp.	Subarbusto		Borda da mata
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch.	Trepadeira		Borda da mata, topo
<i>Chomelia</i> sp.	Arbusto		Topo
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum. ^{FATB}	Arvoreta, arbusto	Quina-quina	Topo, área de regeneração
<i>Emmeorrhiza umbellata</i> (Spreng.) K. Schum.	Subarbusto		Topo
<i>Psychotria sessilis</i> (Vell.) Müll. Arg. ^{FATB}	Árvore, Arbusto, Arvoreta		Interior da mata
<i>Psychotria</i> cf. <i>bahiensis</i> (Benth.) Steyererm	Arbusto, subarbusto		Interior da mata, topo
<i>Psychotria</i> sp.	Subarbusto		Topo
<i>Rhandia armata</i> (Sw.) DC. ^{FATB}	Arvoreta		Mata
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schldtl.) K. Schum.	Arbusto	Genipapo-bravo	Topo, área de regeneração
Indeterminada 1	Erva		Topo
Indeterminada 2	Subarbusto		Borda da mata
RUTACEAE			
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam. ^{FATB}	Árvore	Laranjinha	Área de regeneração, Borda e interior da mata
<i>Zanthoxylum</i> cf. <i>fagara</i> (L.) Sarg. Gard. & Forest. ^{FATB}	Arvoreta	Laranjinha	Borda e interior da mata
SALICACEAE			
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Árvore	Cafezinho	Mata
<i>Xylosma ciliatifolium</i> (Clos.) Eichler. ^{FATB}	Arvoreta	Espinho-de-judeu	Mata
SAPINDACEAE			
<i>Allophylus puberulus</i> (Cambess.) Radlk. ^{FSD}	Árvore, Arvoreta		Interior da mata
<i>Cardiospermum corindum</i> L. ^{CA}	Trepadeira	Balãozinho	Área de regeneração
<i>Cupania revoluta</i> Radlk. ^{FATB}	Arvoreta	Caboatã-de-rego	Área de regeneração
<i>Cupania</i> sp.	Arvoreta	Caboatã-de-rego	Área de regeneração
<i>Dilodendron bipinatum</i> Radlk.	Plântula		Mata
<i>Paullinia trigonia</i> Vell.	Trepadeira	Timbó, tingui	Mata
<i>Serjania lethalis</i> A. St. -Hill.	Trepadeira	Timbó, tingui	Topo, mata
<i>Talisia esculenta</i> Radlk. ^{FATB}	Árvore	Pitombeira	Área de regeneração
<i>Urvillea laevis</i> Radlk. ^{CA}	Trepadeira		Topo, borda da mata
SAPOTACEAE			
<i>Chrysophyllum</i> sp.	Árvore		Área descampada, topo
SCROPHULARIACEAE			
<i>Bacopa moninieri</i> (L.) Pennell	Erva		Margem da estrada
SMILACACEAE			
<i>Smilax</i> sp.	Trepadeira		Topo
SOLANACEAE			
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schldtl. ^{FATB}	Árvore		Mata ciliar
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Arbusto	Manacá	Local úmido
<i>Physalis alkekengi</i> L.	Subarbusto		Margem da estrada
<i>Solanum asperum</i> Rich.	Arbusto	Jurubeba	
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Arbusto	Jurubeba	Topo, área de regeneração
<i>Solanum baturitensis</i> Huber	Arbusto	Jurubeba	Topo

<i>Solanum stipulaceum</i> Willd. Ex. Roem & Schult.	Arbusto	Sacatinga	Área de regeneração
<i>Solanum</i> sp.1	Arbusto		Área de regeneração
<i>Solanum</i> sp.2	Arbusto		Área de regeneração
STYRACACEAE			
<i>Styrax camporum</i> Pohl. ^{FSD}	Arvoreta, arbusto		Topo, área de regeneração
TRIGONIOACEAE			
<i>Trigonia nivea</i> Cambess.	Arb. Escand.		Borda da mata, topo
TURNERACEAE			
<i>Piriqueta duarteana</i> . (Cambess.) Urb.	Subarbusto		Topo
<i>Turnera chamaedrifolia</i> Cambess.	Subarbusto		Área de regeneração
ULMACEAE			
<i>Celtis membranacea</i> Miq. ^{FATB}	Árvore		Área de regeneração
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume ^{FATB}	Árvore		Topo, interior da mata
URTICACEAE			
<i>Pilea hyalina</i> Fenzl	Subarbusto		Próximo à piscina
<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Arbusto		Próximo de rio
VERBENACEAE			
<i>Lantana camara</i> L.	Arbusto	Chumbinho	Margem da estrada
<i>Starchitarpheta</i> sp.	Arbusto		Margem da estrada
<i>Vitex rufescens</i> Juss ^{FATB}	Árvore	Senhora-avó	Mata
VISCACEAE			
<i>Phoradendron</i> sp.	Hemiparasita		Borda da mata
VOCHYSIACEAE			
<i>Vochysia oblongifolia</i> Warm. ^{FATB}	Árvore	Mangue	Área descampada
PTERIDOPHYTA			
BLECHNACEAE			
<i>Sapiclaena volubilis</i> (Kaulf.) Hook	Erva		Local úmido
SELAGINELACEAE			
<i>Sellaginela</i> sp.	Erva		Fonte
POLYPODIACEAE			
<i>Microgramma</i> cf. <i>lycopodioides</i> (Kef.) Sota.	Epífita		Sob árvore

ANEXO 2: Espécies de anfíbios da RPPN Brejo-Saloá; legendas: R= Tipo de registro; V= Registro visual, C=Registro por canto, EML= Registro por entrevista com moradores local, H-AA= Habitat -Área Aberta, H-MF= Habitat-Mata fechada, Habitat de borda, MH-V= Micro-Hábitat arbóreo, MH-So= Micro-Hábitat de solo, MH-B= Micro-Hábitat de Bromélia, MH-R= Micro-Hábitat de Rochas, MH-Se = Micro-Hábitat de Serrapilheira, MH-Pa= Micro-Hábitat de Poças de água.

ANFÍBIOS FAMÍLIA/ ESPÉCIE	R	Nº	H-AA	H-MF	H-B	MH-V	MH-So	MH-B	MH-R	MH-Se	MH-Pa
BRACHYCEPHALIDAE											
<i>Ischnocnema</i> cf. <i>paulodutra</i> (Bokermann, 1975 "1974")	V	1			X			X			
<i>Ischnocnema</i> gr. <i>ramagii</i>	V	13		X	X		X			X	X
BUFONIDAE											
<i>Rhinella crucifer</i> (Wied-Neuwied, 1821)	V	1	X				X				X
<i>Rhinella granulosa</i> (Spix, 1824)	V,C	4	X		X		X			X	
<i>Rhinella jimi</i> (Stevaux, 2002)	V	7	X		X		X				X
CYCLORAMPHIDAE											
<i>Odontophrynus carvalhoi</i> Savage & Cei, 1965	V	3	X	X			X			X	
<i>Proceratophrys renalis</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	V	3		X			X			X	
HYLIDAE											
<i>Corythomantis greeningi</i> Boulenger, 1896	V	2	X		X	X			X		
<i>Dendropsophus branneri</i> (Cochran, 1948)	V,C	20	X			X					X
<i>Dendropsophus oliveirai</i> (Bokermann, 1963)	V,C	4	X			X					X
<i>Dendropsophus nanus</i> (Boulenger, 1889)	V,C	4	X		X	X					X
<i>Hypsiboas crepitans</i> (Wied-Neuwied, 1824)	V,C	19	X		X	X		X			X
<i>Hypsiboas faber</i> (Wied-Neuwied, 1821)	C	4	X			X					X
<i>Hypsiboas raniceps</i> Cope, 1862	V,C	2	X		X	X					X
<i>Phyllodytes luteolus</i> Wied-Neuwied, 1824	V	1			X			X			
<i>Phyllomedusa nordestina</i> Caramaschi, 2006	V,C	24	X			X	X				X
<i>Scinax fuscovarius</i> (A. Lutz, 1925)	V,C	2	X			X	X				
<i>Scinax pachycrus</i> (Miranda-Ribeiro, 1937)	V,C	23	X	X	X	X		X			X
<i>Scinax x-signatus</i> (Spix, 1824)	V,C	51	X			X			X		X
LEIUPERIDAE											
<i>Physalaemus albifrons</i> (Spix, 1824)	V,C	11	X				X				X
<i>Physalaemus cuvieri</i> Fitzinger, 1826	V,C	8	X				X				X
<i>Pleurodema diplolister</i> (Peters, 1870)	V	3	X		X		X				

Continuação...	R	Nº	H-AA	H-MF	H-B	MH-V	MH-So	MH-B	MH-R	MH-Se	MH-Pa
LEPTODACTYLIDAE											
<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)	C	3	X				X				
<i>Leptodactylus macrosternum</i> Miranda-Ribeiro, 1926	V	1	X				X			X	X
<i>Leptodactylus troglodytes</i> A. Lutz, 1926	C		X				X				
<i>Leptodactylus vastus</i> A. Lutz, 1930	V	1	X				X				X
TOTAL 26 espécies											

ANEXO 3: Espécies de répteis da RPPN Brejo-Saloá; legendas: R= tipo de registro; V= Registro visual, C=Registro por canto, EML= Registro por entrevista com moradores local, H-AA= Habitat -Área Aberta, H-MF= Habitat-Mata fechada, Habitat de borda, MH-V= Micro-Hábitat arbóreo, MH-So= Micro-Hábitat de solo, MH-B= Micro-Hábitat de Bromélia, MH-R= Micro-Hábitat de Rochas, MH-Se = Micro-Hábitat de Serrapilheira, MH-Pa= Micro-Hábitat de Poças de água.

RÉPTEIS	R	Nº	H-AA	H-MF	H-B	MH-V	MH-So	MH-B	MH-R	MH-Se	MH-Pa
FAMÍLIA/ ESPÉCIE											
LAGARTOS											
IGUANIDAE											
<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	V	1	X			X					
POLYCHROTIDAE											
<i>Polychrus acutirostris</i> Spix, 1825	V	1	X			X					
LEIOSAURIDAE											
<i>Enyalius catenatus</i> (Wied, 1821)	V	1		X			X				
TROPIDURIDAE											
<i>Tropidurus hispidus</i> (Spix, 1825)	V	12	X		X	X	X		X		
PHYLLODACTYLIDAE											
<i>Phyllopezus pollicaris</i> (Spix, 1825)	V	1	X						X		
SPHAERODACTYLIDAE											
<i>Coleodactylus meridionalis</i> (Boulenger, 1888)	V	3		X			X			X	
TEIIDAE											
<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	V	3	X		X		X				
<i>Cnemidophorus ocellifer</i> (Spix, 1825)	V	4	X		X		X				
<i>Tupinambis meriana</i> (Duméril & Bibron, 1839)	EML										
GYMNOPHTHALMIDAE											
<i>Micrablepharus maximiliani</i> (Reinhardt & Luetken, 1862)	V	1	X				X				
SCINCIDAE											
<i>Mabuya macrorhyncha</i> Hoge, 1947	V	6			X			X			
<i>Mabuya heathi</i> Schmidt & Inger, 1951	V	1			X		X			X	
SERPENTES											

Continuação...	R	Nº	H-AA	H-MF	H-B	MH-V	MH-So	MH-B	MH-R	MH-Se	MH-Pa
BOIDAE											
<i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758	EML										
<i>Epicrates cenchria</i> (Linnaeus, 1758)	V	2	X				X				
VIPERIDAE											
<i>Bothrops leucurus</i> Wagler, 1824	V	1			X			X			
COLUBRIDAE											
<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	EML										
DIPSADIDAE											
<i>Boiruna sertaneja</i> Zaher, 1996	EML										
<i>Oxyrhopus trigeminus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	V	1	X				X				
<i>Philodryas nattereri</i> Steindachner, 1870	EML										
<i>Philodryas olfersii</i> (Lichtenstein, 1823)	EML										
<i>Taeniophallus</i> sp.	V	1		X				X			
<i>Xenodon merremii</i> (Wagler, 1824)	V	1	X				X				
TOTAL 22 espécies											
<i>Xenodon merremii</i> (Wagler, 1824)	V	1	X				X				
TOTAL 22 espécies											

ANEXO 4. Lista de Aves da RPPN Rerva Natural Brejo

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR
ACCIPITRIDAE	
<i>Chondrohierax uncinatus</i>	Caracoleiro
<i>Elanus leucurus</i>	Gavião-peneira
<i>Rupornis magnirostris</i>	Gavião-carijó
ALCEDINIDAE	
<i>Chloroceryle amazona</i>	Martim-pescador-verde
<i>Chloroceryle americana</i>	Martim-pescador-pequeno
<i>Megaceryle torquata</i>	Martim-pescador-grande
ARAMIDAE	
<i>Aramus guaraúna</i>	Carão
ARDEIDAE	
<i>Butorides striata</i>	Socozinho
<i>Bubulcus íbis</i>	Garça-vaqueira
BUCCONIDAE	
<i>Nystalus maculatus</i>	Rapazinho-dos-velhos
CAPRIMULGIDAE	
<i>Caprimulgus parvulus</i>	Bacurau-chintã
<i>Nyctidromus albicollis</i>	Bacurau
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	Bacurau-ocelado
CARDINALIDAE	
<i>Cyanoloxia brissonii</i>	Azulão
<i>Piranga flava</i>	Sanhaçu-de-fogo
CARIAMIDAE	
<i>Cariama cristata</i>	Seriema
CATHARTIDAE	
<i>Cathartes aura</i>	Urubu-de-cabeça-vermelha
<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela
<i>Coragyps atratus</i>	Urubu-de-cabeça-preta
CHARADRIIDAE	
<i>Vanellus chilensis</i>	Quero-quero
COEREBIDAE	
<i>Coereba flaveola</i>	Cambacica
COLUMBIDAE	
<i>Columbina passerina</i>	Rolinha-cinzenta
<i>Columbina picui</i>	Rolinha-picui

Columbina squammata
Columbina talpacoti
Leptotila rufaxilla
Leptotila verreauxi

Fogo-apagou
Rolinha-roxa
Juriti-gemeadeira
Juriti-pupu

CUCULIDAE

Crotophaga ani
Guira guira
Piaya cayana
Tapera naevia

Anu-coroça
Anu-branco
Alma-de-gato
Saci

DENDROCOLAPTIDAE

Dendrocolaptes platyrostris
Lepidocolaptes angustirostris
Sittasomus griseicapillus

Arapaçu-grande
Arapaçu-de-cerrado
Arapaçu-verde

EMBERIZIDAE

Ammodramus humeralis
Arremon taciturnus
Paroaria dominicana
Sicalis flaveola
Sporophila albogularis
Sporophila nigricollis
Volatinia jacarina
Zonotrichia capensis

Tico-tico-do-campo
Tico-tico-de-bico-preto
Cardeal-do-nordeste
Canário-da-terra-verdadeiro
Golinho
Baiano
Tiziu
Tico-tico

ESTRILDIDAE

Estrilda astrild

Bico-de-lacre

FALCONIDAE

Caracara plancus
Milvago chimachima
Herpetotheres cachinnans

Carcará
Carrapateiro
Acauã

FRINGILLIDAE

Euphonia chlorotica
Sporagra yarrellii

Fim-fim
Pintassilgo-do-nordeste

FURNARIIDAE

Certhiaxis cinnamomeus
Furnarius figulus
Phacellodomus rufifrons
Pseudoseisura cristata
Synallaxis frontalis
Synallaxis scutata

Curutié
Casaca-de-couro-da-lama
João-de-pau
Casaca-de-couro
Petrim
Estrelinha-preta

GALBULIDAE

Galbula ruficauda

Ariramba-de-cauda-ruiva

HIRUNDINIDAE*Progne tapera**Tachycineta albiventer*

Andorinha-do-campo

Andorinha-do-rio

ICTERIDAE*Molothrus bonariensis*

Vira-bosta

JACANIDAE*Jacana jacana*

Jaçanã

MIMIDAE*Mimus saturninus*

Sabiá-do-campo

MOTACILLIDAE*Anthus lutescens*

Caminheiro-zumbidor

NYCTIBIIDAE*Nyctibius griseus*

Mãe-da-lua

PARULIDAE*Basileuterus culicivorus**Basileuterus flaveolus*

Pula-pula

Canário-do-mato

PASSERIDAE*Passer domesticus*

Pardal

PICIDAE*Picumnus fulvescens**Veniliornis passerinus*

Pica-pau-anão-canela

Picapauzinho-anão

PSITTACIDAE*Diopsittaca nobilis**Forpus xanthopterygius*

Maracanã-pequena

Tuim

POLIOPTILIDAE*Ramphocaenus melanurus**Polioptila plumbea*

Bico-assovelado

Balança-rabo-de-chapéu-preto

RALLIDAE*Pardirallus nigricans*

Saracura-sanã

STRIGIDAE*Glaucidium brasilianum**Megascops choliba*

Caburé

Corujinha-do-mato

THAMNOPHILIDAE*Dysithamnus mentalis*

Choquinha-lisa

Formicivora grisea
Herpsilochmus atricapillus
Myrmotherula axillaris
Taraba major
Thamnophilus caerulescens pernambucensis

Papa-formiga-pardo
Chorozinho-de-chapéu-preto
Choquinha-de-flanco-branco
Choró-boi
Choca-da-mata

THRAUPIDAE

Dacnis cayana
Nemosia pileata
Tachyphonus rufus
Tangara cayana
Tangara cyanocephala
Tangara fastuosa
Thlypopsis sordida
Thraupis palmarum
Thraupis sayaca

Saí-azul
Saíra-de-chapéu-preto
Pipira-preta
Saíra-amarela
Saíra-militar
Pintor-verdadeiro
Saí-canário
Sanhaçu-do-coqueiro
Sanhaçu-cinzento

TINAMIDAE

Crypturellus parvirostris
Crypturellus tataupa

Inhambu-chororó
Inhambu-chintã

CRACIDAE

Ortalis guttata

Aracuã

TITYRIDAE

Pachyramphus polychopterus

Caneleiro-preto

TROCHILIDAE

Amazilia fimbriata
Chlorostilbon notatus
Chrysolampis mosquitus
Eupetomena macroura
Phaethornis pretrei

Beija-flor-de-garganta-verde
Beija-flor-de-garganta-azul
Beija-flor-vermelho
Beija-flor-tesoura
Rabo-branco-acanelado

TROGLODYTIDAE

Cantorchilus longirostris
Pheugopedius genibarbis
Troglodytes musculus

Garrinchão-de-bico-grande
Garrinchão-pai-avô
Corruíra

TURDIDAE

Turdus leucomelas
Turdus rufiventris

Sabiá-barranco
Sabiá-laranjeira

TYRANNIDAE

Arundinicola leucocephala
Camptostoma obsoletum
Capsiempis flaveola
Elaenia flavogaster

Freirinha
Risadinha
Marianinha-amarela
Guaracava-de-barriga-amarela

Euscarthmus meloryphus
Fluvicola nengeta
Hemitriccus mirandae
Legatus leucophaeus
Megarynchus pitangua
Myiodynastes maculatus
Myiozetetes similis
Myiopagis caniceps
Myiophobus fasciatus
Phaeomyias murina
Phyllomyias fasciatus
Pitangus sulphuratus
Serpophaga subcristata
Todirostrum cinereum
Tolmomyias flaviventris
Tyrannus melancholicus

TYTONIDAE

Tyto alba

VIREONIDAE

Cyclarhis gujanensis
Hylophilus amaurocephalus
Vireo olivaceus

Barulhento
Lavadeira-mascarada
Maria-do-nordeste
Bem-te-vi-pirata
Neinei
Bem-te-vi-rajado
Bentevizinho-de-penacho-vermelho
Guaracava-cinzenta
Filipe
Bagageiro
Piolhinho
Bem-te-vi
Alegrinho
Ferreirinho-relógio
Bico-chato-amarelo
Suiriri

Coruja-da-igreja

Pitiguari
Vite-vite-de-olho-cinza
Juruvicara

ANEXO 5. Mapa da Fazenda Brejo Saloá-PE

